



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

MARIA MARLY CRUZ GOMES PINTO

**“EM LEMBRANÇA DE NOSSA AMIZADE”: TRADUÇÃO COMENTADA DA
CORRESPONDÊNCIA LITERÁRIA DE OSCAR WILDE PARA WILLIAM WARD**

FORTALEZA

2025

MARIA MARLY CRUZ GOMES PINTO

“EM LEMBRANÇA DE NOSSA AMIZADE”: TRADUÇÃO COMENTADA DA
CORRESPONDÊNCIA LITERÁRIA DE OSCAR WILDE PARA WILLIAM WARD

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Estudos da Tradução da
Universidade Federal do Ceará, como
requisito parcial à obtenção do título de
mestre em Estudos da Tradução. Área de
concentração: Processos de Retextualização.

Orientador: Prof. Dr. Walter Carlos Costa.

FORTALEZA

2025

- P729" Pinto, Maria Marly Cruz Gomes.
"Em lembrança de nossa amizade" : Tradução Comentada da correspondência literária de Oscar Wilde para William Ward / Maria Marly Cruz Gomes Pinto. – 2025.
93 f. : il.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Fortaleza, 2025.
Orientação: Prof. Dr. Walter Carlos Costa.
1. Estudos da Tradução;. 2. Estudos Descritivos da Tradução. 3. Tradução Comentada. 4. Correspondência Literária. 5. Oscar Wilde. I. Título.

CDD 418.02

MARIA MARLY CRUZ GOMES PINTO

“EM LEMBRANÇA DE NOSSA AMIZADE”: TRADUÇÃO COMENTADA DA
CORRESPONDÊNCIA LITERÁRIA DE OSCAR WILDE PARA WILLIAM WARD

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Estudos da Tradução. Área de concentração: Processos de Retextualização.

Orientador: Prof. Dr. Walter Carlos Costa.

Aprovada em: 30 / 05 / 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Walter Carlos Costa (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. João Alfredo Ramos Bezerra
Instituto Federal do Ceará (IFCE)

Profa. Dra. Marie-Hélène Catherine Torres
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

*Keats and Yeats are on your
side/ 'Cause weird lover Wilde is
on mine.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me tocou com sua infinita misericórdia e permitiu que eu terminasse a dissertação dentro do prazo estabelecido.

Ao Prof. Dr. Walter Carlos Costa, por ter aceitado orientar minhas ideias e moldar meus conceitos, com paciência e compreensão.

Aos professores participantes da banca examinadora João Alfredo Ramos Bezerra e Marie-Hélène Catherine Torres.

A minha família, em especial minhas tias Rita Célia e Débora que me presentearam com livros e revistas sobre história e literatura durante minha adolescência e, sem saber, estavam ajudando a moldar meu futuro.

Aos colegas da turma de mestrado, Samuel Fernandes e Alinne Maia por orarem por mim e me fornecerem acolhimento e afeto em um momento tão delicado da minha vida. E, por fim, ao mestre Oscar Wilde, que, apesar das adversidades da vida, conseguiu presentear a humanidade e a academia com a beleza de sua existência.

*Você é a única pessoa que eu poderia contar
isso, pois tem uma mente filosófica,
mas não fale para ninguém, seja um bom
garoto.*

Oscar Wilde para seu amigo William Ward; agosto de 1876, Oxford.

RESUMO

Esta dissertação está estruturada em seis capítulos, que exploram diferentes aspectos da correspondência entre Oscar Wilde e William Ward durante o período em que o escritor residiu em Oxford. A introdução traz um apanhado geral do trabalho desenvolvido, o segundo capítulo busca conceituar as correspondências como um gênero literário e suas implicações no campo de estudos da correspondência e literatura autobiográfica. A fundamentação teórica baseia-se em estudos de McPherson (1986), Costa (2013), Kohlrausch (2015), Maciel (2021), Fernández Campa (2020) e Vanderbilt University (2024) que abordam a história e a relevância das cartas como documentos subjetivos, fundamentais para diversas áreas de pesquisa. O terceiro capítulo, intitulado "Remetente e destinatário: A relação entre Oscar Wilde e William Ward", fundamenta-se em fontes como Mead (1995), Venier (2005), Rollemberg (2000), Elmann (1998), Rangel (2011), Vyvyan Holland (1954) e Merlin Holland (2000), além de fontes jornalísticas como o canal televisivo BBC, de Londres, e o jornal impresso *The Guardian*. Este capítulo explora a importância do período específico em que Wilde e Ward estiveram juntos em Oxford, esclarecendo aspectos cruciais de sua relação pessoal e contextualizando a escolha da correspondência entre eles como objeto de estudo. O quarto capítulo, "Tradução comentada da correspondência literária escrita por Wilde para Ward durante sua estadia em Oxford" inicia discorrendo sobre quais teorias da tradução foram utilizadas para guiar o processo tradutório de cinco cartas de Oscar Wilde, datadas de 1876 a 1877, extraídas do livro *The Complete Letters from Oscar Wilde*. Os Estudos Descritivos em Tradução propostos por Gideon Toury (2001) e esquematizado por Lambert & Van Gorp (2011), bem como as percepções de Berman (2007) acerca da ética da tradução e retradução, foram fundamentais para estabelecer critérios nas escolhas tradutórias e dar suporte no momento de escrita dos comentários presentes no quinto capítulo, que foram inspirados na dissertação de Carvalho (2017) e na tese de Oliveira (2023). A pesquisa conclui que a tradução dessas cartas possibilitou a revelação de aspectos da vida religiosa, social e pessoal de Wilde para o público brasileiro, destacando a importância dos comentários de tradução para a compreensão das obras e do contexto histórico do autor, abrindo espaço para traduções e retraduições futuras.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; Estudos Descritivos da Tradução; Tradução Comentada; Correspondência Literária; Oscar Wilde.

ABSTRACT

This thesis is structured into six chapters, each exploring different aspects of the correspondence between Oscar Wilde and William Ward during the period in which the writer resided in Oxford. The introduction offers an overview of the work developed, while the second chapter aims to conceptualize letters as a literary genre and discuss their implications within correspondence studies and autobiographical literature fields. The theoretical foundation is based on the works of McPherson (1986), Costa (2013), Kohlrausch (2015), Maciel (2021), Fernández Campa (2020), and Vanderbilt University (2024), all of which address the history and relevance of letters as subjective documents that are fundamental to various fields of research. The third chapter, entitled "Sender and Recipient: The Relationship between Oscar Wilde and William Ward," is grounded in sources such as Mead (1995), Venier (2005), Rollemberg (2000), Ellmann (1998), Rangel (2011), Vyvyan Holland (1954), and Merlin Holland (2000), as well as journalistic sources like the BBC television network in London and the printed newspaper *The Guardian*. This chapter explores the significance of the specific period during which Wilde and Ward were together in Oxford, shedding light on crucial aspects of their personal relationship and contextualizing the choice of their correspondence as the object of study. The fourth chapter, "Annotated Translation of the Literary Correspondence Written by Wilde to Ward During His Stay in Oxford," begins by discussing the translation theories used to guide the translation process of five letters from Oscar Wilde, dated from 1876 to 1877, extracted from the book *The Complete Letters of Oscar Wilde*. The Descriptive Translation Studies proposed by Gideon Toury (2001) and systematized by Lambert & Van Gorp (2011), as well as Berman's (2007) insights on translation ethics and retranslation, were essential for establishing the criteria behind translational choices and for supporting the writing of commentary on the fifth chapter, which was inspired by the dissertation by Carvalho (2017) and the doctoral thesis by Oliveira (2023). The research concludes that the translation of these letters enabled the revelation of aspects of Wilde's religious, social, and personal life to the Brazilian public, highlighting the importance of translation commentary for understanding the works and the author's historical context, while paving the way for future translations and retranslations.

Keywords: Translation Studies; Descriptive Translation Studies; Annotated Translation; Literary Correspondence; Oscar Wilde.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Oscar Wilde em seu primeiro ano de Oxford. Seu irmão mais velho Henry Wilson está a sua direita e seu amigo Agnes Bodley a sua esquerda	36
Figura 2 – Reginald Harding (à esquerda), William Ward (ao centro) e Oscar Wilde (à direita)	40
Figura 3 – “Em lembrança de nossa amizade: de dois amigos para um terceiro”	41
Figura 4 – Capa do livro “Little Mr. Bouncer of College Life” a continuação dos contos humorísticos de Cuthbert Bede.....	42
Figura 5 – William Welsford Ward em uma pintura datada de 1925 no Merchant Hall em Bristol, Inglaterra.....	42
Figura 6 – Oscar Wilde (em pé, à direita) em companhia de seus outros colegas de Magdalen College no ano de 1876	46
Figura 7 – Esquema hipotético para descrever traduções	48

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – "Querido Bouncer"	70
Quadro 2 – "São e salvo"	70
Quadro 3 – "Eu acredito"	71
Quadro 4 – "Sobrecasaca e cartola"	71
Quadro 5 – "Novinho em folha"	72
Quadro 6 – "Insano e mesquinho"	72
Quadro 7 – "Seja bonzinho"	73
Quadro 8 – "Parâmetros éticos"	74
Quadro 9 – "Apaixonado platonicamente"	75
Quadro 10 – "Campos de mata amarelada"	75
Quadro 11 – "Me espere na hospedaria"	76
Quadro 12 – "Poste restante"	77
Quadro 13 – "Pagar sem atraso"	77
Quadro 14 – "Leia"	78
Quadro 15 – Tradução de expressões estrangeiras [que não o inglês]	79
Quadro 16 – Tradução de títulos honoríficos e profissionais	81
Quadro 17 – Tradução de topônimos	82

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 A CORRESPONDÊNCIA LITERÁRIA E OS DESAFIOS DE TRADUÇÃO DESTE GÊNERO	22
2.1 A relevância da correspondência literária para o estudo da vida e da obra de Oscar Wilde.....	31
3 REMETENTE E DESTINATÁRIO: A RELAÇÃO ENTRE OSCAR WILDE E WILLIAM WARD EM OXFORD.....	35
3.1 <i>An Oxford Reminiscence</i>: a visão de William Ward	43
4 TRADUÇÃO DA CORRESPONDÊNCIA LITERÁRIA ENVIADA DE OSCAR WILDE PARA WILLIAM WARD (1876 - 1877)	47
4.1 Carta 1 - 20 de março de 1876	55
4.2 Carta 2 - 17 de julho de 1876	56
4.3 Carta 3 - 06 de agosto de 1876	58
4.4 Carta 4 - 06 de setembro de 1876	61
4.5 Carta 5 - 14 de março de 1877	64
5 COMENTÁRIOS DA TRADUÇÃO DAS CORRESPONDÊNCIAS LITERÁRIAS... 	69
5.1 Tradução do corpo do texto - alvo (T2)	69
5.2 Comentários das traduções de notas de rodapé.....	78
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	88

1 INTRODUÇÃO

Nascido em 16 de outubro de 1854 em Dublin, Irlanda, Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde, conhecido internacionalmente como Oscar Wilde, frequentou o Trinity College em Dublin e, mais tarde, estudou na Universidade de Oxford, onde se destacou academicamente e ganhou fama por sua sagacidade no exercício da crítica literária.

Suas obras eram conhecidas por seu humor afiado, diálogos inteligentes e observações sobre a sociedade vitoriana. A primeira publicação significativa de Oscar Wilde foi o longo poema *Ravenna*, lançado em 1878, quando ele tinha apenas 23 anos.

Este poema reflete não apenas a admiração de Wilde pela estética e pela cultura clássica, mas também revela seus primeiros experimentos com temas como amor, morte e decadência. Inspirado em sua viagem à Itália, o poema foi bem recebido pela crítica, mostrando os primeiros sinais do estilo eloquente que se tornaria característico de suas produções posteriores.

O seu livro mais conhecido é *O Retrato de Dorian Gray*, publicação que marcou um ponto crucial na obra do escritor, pois foi recebida inicialmente com choque e controvérsia devido aos temas explorados, como a vaidade extrema e a busca desenfreada do prazer. A crítica moralista da era vitoriana foi desafiada pela escrita vívida de Wilde, que mergulhou na psicologia complexa de seus personagens e na exploração das consequências de suas escolhas. Esse romance influenciou profundamente o restante de sua produção literária e teatral, refletindo-se em peças como *A Importância de ser Prudente*, que estreou no teatro pela primeira vez em 1895 e é amplamente reconhecida como um exemplo destacado do humor britânico.

Durante essa época de sua vida, estava casado com Constance Lloyd, uma mulher culta e sofisticada, que equilibrava bem o intelecto e o charme extravagante de Wilde. Durante os primeiros anos de casamento, eles participaram ativamente da vida social da elite londrina, período durante o qual Wilde começou a se estabelecer como um escritor e dramaturgo de renome. Juntos, tiveram dois filhos, Cyril e Vyvyan, e pareciam desfrutar de uma aparente estabilidade familiar.

Entretanto, com o passar do tempo, o casamento enfrentou dificuldades significativas. Wilde, famoso por sua personalidade excêntrica e seus envolvimento extraconjugais, especialmente com outros homens, acabou gerando uma tensão crescente na relação, que se intensificou após o início do seu relacionamento com Alfred Douglas.

Conhecido como "Bosie", Lord Alfred Douglas era um poeta e estudante de origem aristocrata, temperamental e exigente, sendo uma figura central na vida de Wilde durante um período crucial de sua carreira literária. A união de ambos foi muito tumultuada e desafiou as normas sociais da época. Eles se conheceram em 1891 e logo desenvolveram uma ligação emocional marcada pela admiração mútua. A influência de Douglas sobre Wilde fica evidente na transformação do estilo e dos temas de Wilde em suas obras posteriores, refletindo-se na profundidade emocional e nas camadas psicológicas de seus personagens.

A relação foi caracterizada por uma combinação de amor fervoroso e momentos de conflito, separação e reconciliação. Os escândalos associados a essa ligação levaram a acusações de “indecência grave” contra Wilde, um processo que se tornou um marco infame na história da literatura britânica. O julgamento resultou na condenação de Wilde em 1895, atingindo sua carreira e reputação, constituindo um momento significativo na luta pelos direitos LGBT+ e na história da censura sexual na Inglaterra vitoriana.

A prisão de Wilde durou dois anos e durante este período, enquanto seu quadro de saúde se agravava, ele escreveu *De Profundis*, uma carta endereçada a Lord Alfred Douglas, seu amante e motivo central de suas desventuras.

Nesta obra epistolar, Wilde explora de forma profunda e introspectiva o relacionamento tumultuado com Douglas, revelando uma mistura de amor apaixonado e ressentimento. Ele critica Douglas pela influência negativa em sua vida, descrevendo-o como alguém que o levou à ruína pessoal. Essa obra é amplamente traduzida e estudada no Brasil.

Após a saída da prisão em 1897, Oscar Wilde enfrentou um período de profunda dificuldade e ostracismo social. Sua saúde debilitada e sua reputação manchada o impediram de recuperar a glória literária anterior. Embora tenha passado um tempo na França, sob o pseudônimo de Sebastian Melmoth, tentando reconstruir sua vida e escrever novamente, Wilde teve pouco sucesso.

Ele viveu os últimos anos de vida em condições modestas na Europa continental, enfrentando dificuldades financeiras e problemas de saúde. Oscar Wilde faleceu em 1900, aos 46 anos, deixando um legado literário rico e uma vida marcada por brilhantismo criativo, escândalos dolorosos e um destino trágico.

O túmulo de Wilde continua a ser um símbolo de sua influência duradoura na literatura e na cultura moderna, localizado no famoso cemitério Père Lachaise, em Paris. Projetado pelo escultor Jacob Epstein, o túmulo apresenta a figura alada de um anjo andrógino, conhecida como "Esperança em Deus", esculpida em mármore.

Além da escultura, o túmulo de Wilde se distingue por ter um vidro protetor instalado sobre ele, uma medida tomada para preservar a integridade do monumento diante dos danos causados pela ação do tempo e das visitas constantes de admiradores que encaram o ambiente como ponto de peregrinação e frequentemente deixam cartas, flores e beijos em homenagem ao escritor.

A Oscar Wilde Society é uma organização literária sem fins lucrativos, cujo objetivo é promover o conhecimento, a apreciação e o estudo da vida e da obra de Wilde. Fundada em 1990, tem sua sede em The Magdalen College, campus universitário em que Wilde estudou durante sua estadia em Oxford. Esta sociedade conta com filiais em vários países, como Itália, Japão e França.

Ela organiza palestras, leituras e discussões sobre Wilde e suas obras, além de visitas a lugares associados a ele. Entre suas publicações está o periódico semestral *The Wildean*. A Oscar Wilde Society publica também o boletim ilustrado quadrimestral *Intentions*, além de *Oscariana*, que dá notícias sobre eventos para os membros da sociedade. A Oscar Wilde Society permaneceu como uma fonte muito importante para a elaboração desta dissertação, sendo a fonte de referências como *A rediscovered letter from Oscar Wilde* de Don Mead publicado em 1995 e *Oscar's Drawing of 'Little Mr Bouncer'* de Peter Venier, publicadas ambas pela *The Wildean: A Journal of Oscar Wilde Studies*, em 2005.

Entre os membros proeminentes da Oscar Wilde Society, está Merlin Holland, filho de Vyvyan Holland e neto de Oscar Wilde. Holland contribuiu ativamente para eventos e iniciativas que celebram a vida e a obra de seu avô. Sua dedicação inclui a participação em palestras, conferências e publicações que destacam a importância contínua de Wilde na literatura e na cultura. Seu empenho em preservar e divulgar o legado de Wilde não só amplia o conhecimento do público sobre o autor, mas também contribui para manter a duradoura relevância de Wilde no pensamento inglês. Além de participar ativamente da sociedade, Merlin Holland é renomado por sua edição das obras completas de Oscar Wilde, que abrangem ensaios, peças teatrais e cartas.

Editou, no ano de 2000, as cartas organizadas pelo biógrafo Rupert Hart-Davis e publicou o livro *The Complete Letters from Oscar Wilde*, que constitui a fonte principal desta pesquisa. Ler as cartas de Wilde nesta edição anotada proporciona uma compreensão profunda não apenas do artista, mas do homem por trás da figura pública.

A partir disso, é compreensível a necessidade de uma versão para o português brasileiro que se concretizou com a tradução e a organização de Marcello Rollemberg em *Sempre seu, Oscar* de 2001, onde os desafios na tradução permeiam as ironias afiadas de

Wilde, e a forma com que ele expressa seus esforços para manter-se firme diante de adversidades.

Cobrindo a década de 1890 a 1900, que abarca desde seu grande sucesso até sua morte, em Paris, após a prisão, o volume das cartas traduzidas para o português brasileiro permite que Wilde conte sua própria história através de sua numerosa correspondência, incluindo a versão completa de *De Profundis*.

Entretanto, durante a leitura e o levantamento bibliográfico para esta pesquisa, constatei que as cartas do período da vida de Oscar Wilde em que fora aluno em Oxford tinham sido pouco exploradas pelos pesquisadores brasileiros. Apesar de cobrir o início de suas criações literárias, as cartas desse período não foram incluídas em *Sempre seu, Oscar*.

Por outro lado, em sua dissertação *O retrato de Oscar Wilde*, Rangel (2011) reconhece a importância desta época para a carreira literária de Wilde. A autora escreveu um capítulo em sua dissertação somente sobre Oxford e a influência na formação artística de Wilde, quando foi submetido à orientação e aos ensinamentos de John Ruskin (1819 - 1900) e Walter Pater (1839-1894), ambos filósofos que ajudaram a moldar o Movimento Estético através da sociedade pré-raphaelita, grupo de jovens que se reunia para discutir John Keats (1792-1821).

Neste período, trocou correspondência com vários outros intelectuais que não apenas refletem as influências intelectuais e estéticas que moldaram Wilde, mas também estabeleceram conexões valiosas que o ajudaram a desenvolver suas próprias ideias e perspectivas ao longo de sua carreira literária.

Notando esta ausência de tradução para o português brasileiro, foi possível estabelecer que o primeiro passo para selecionar o *corpus* da pesquisa seria debruçar-se sobre a correspondência trocadas durante sua estadia em Oxford, como estudante, antes de se mudar para Londres, fazendo um recorte e focando nas cartas de 1876 a 1879.

Durante a leitura deste *corpus*, foi possível notar a constância de cartas trocadas entre Wilde e um colega de Oxford, William Welsford Ward (1854-1932) que chegou de Radley como um Demy¹ em Estudos Clássicos. Ele obteve um *First Mode* - que em Oxford se refere aos exames ou provas em determinadas disciplinas, geralmente associados ao currículo de Humanidades e alcançou a classificação mais alta possível nesse exame específico. Também obteve um *Second in Greats*, abreviação de *Literae Humaniores*, o nome tradicional de um curso de Estudos Clássicos que inclui filosofia, história antiga, literatura clássica e línguas

¹ Demy é uma bolsa de estudo em Magdalen College, Oxford, Demy significando também o bolsista que tem uma bolsa Demy.

antigas. Portanto, Ward possuía os dois diplomas e já era considerado veterano em filosofia, arte e literatura clássica. Esse fato fazia com que Wilde se sentisse à vontade com Ward para falar sobre suas inquietações e reflexões mais íntimas, bem como seus escritos criativos e de crítica literária.

Todos que participavam do *Magdalen College Tea Club*, grupo de amigos que se encontravam para tomar chá e falar de literatura, possuíam apelidos específicos. O apelido de Oscar Wilde era “Hosky” e o de William Ward era “Bouncer”, do livro de crônicas universitárias do escritor Cuthbert Bede, *Little Mr. Bouncer and his friend Verdan Green* (1873).

Eles mantinham uma forte relação de amizade e, em 1876, Reginald Harding e Oscar Wilde deram um anel de ouro dezoito quilates para William Ward com a inscrição “A memento of friendship: from two friends to a third” [Em lembrança de nossa amizade, de dois amigos para o terceiro]. Com as iniciais dos três gravadas, o anel permaneceu no museu de Oxford até ser misteriosamente roubado, passando vinte e cinco anos perdido até ser recuperado por um especialista em furtos de obras de arte e retornar para Magdalen College, fato que foi repercutido em diversos jornais britânicos e internacionais em 2017 e 2018. Apesar de estudarem juntos, Ward era especialista e membro da Society of Merchant Venturers e viajava durante muito tempo, para diferentes lugares, aspecto também explorado por Wilde na correspondência.

As cartas selecionadas aqui trazem somente a visão de Wilde, posto que temos acesso somente ao que foi escrito por ele. Em muitos momentos, as confissões para seu amigo giram em torno de temas complexos como a religião cristã: “Lamento dizer que, pelo menos nesta Páscoa, não irei ver a Cidade Santa”² (Oxford, 14/03/1877). É possível observar o seu estilo irônico e satírico, mesmo em escritos subjetivos, como quando cobra a atenção do amigo: “Meu querido Bouncer, tenho a certeza de que nunca recebeu o livro e a carta que te enviei há cerca de dez dias. Se os tivesses recebido, não poderias ser tão rude que não escrevesse o quão encantado ficaste com a minha carta e o livro.”³ (Oxford, 06/08/1877), além de expressar sua empolgação acerca da própria produção literária: “Eu tenho três poemas (talvez quatro!) saindo dia primeiro de setembro em diversas revistas. Eu estou extremamente feliz com isto. Vou te enviar um deles que eu gostaria que você lesse.”⁴ (Oxford, 06/08/1876).

² “I am sorry to say that I will not see the Holy City this Easter at any rate.” (14/03/1877).

³ My dear Bouncer, I feel quite sure you never could have got a book and letter I sent you about ten days ago. You couldn't have been such a complete Scythian as not to write how charmed you were with my delightful letter and book if you had got them.

⁴ “I have got three poems (and perhaps four!) coming out on the 1st of September in various magazines, and am

Outro aspecto biográfico presente nestas cartas é o conteúdo sutil acerca de eventos e pessoas homoafetivas. Oscar nunca fala diretamente sobre o assunto, mas utiliza metáforas para contar determinadas novidades sobre seus colegas, chegando, inclusive, a mostrar culpa, medo e vergonha: “Dentro de mim, acredito que Todd é extremamente decente e estava apenas abraçando o garoto mentalmente, mas acho que ele é tolo de fazer isso trazendo o menino junto de si em público. Você é o único a quem eu poderia contar sobre isso, pois tem uma mente filosófica, mas não conte a ninguém, como um bom garoto.”⁵ (06/08/1876). Wilde sempre pede que Ward responda, cobra por notícias, sempre mandando lembranças para a família do amigo.

A única produção escrita de William Ward a que tivemos acesso, para a composição desta dissertação, foi *An Oxford Reminiscence*, texto publicado no apêndice do livro *Son of Oscar Wilde* de Vyvyan Holland em 1954.

A tarefa de traduzir cartas escritas há quase cento e cinquenta anos apresenta desafios significativos, especialmente quando se trata de tornar seu conteúdo compreensível e relevante para o público brasileiro contemporâneo. O objetivo principal deste processo foi não apenas preservar a autenticidade e o contexto histórico das cartas, mas também torná-las acessíveis, de modo que os leitores brasileiros possam apreciar e entender as emoções expressas nelas.

Isso envolve lidar com diferenças linguísticas e culturais entre o período vitoriano e o presente, além de contextualizar referências históricas e sociais que podem não ser imediatamente familiares ao público atual.

Ao fazer isso, a tradução não apenas facilita o entendimento das cartas, mas também contribui para uma compreensão mais rica e ampla do contexto em que foram escritas, proporcionando uma janela para as vidas e as preocupações dos indivíduos do passado para os leitores contemporâneos no Brasil.

Ao explorar a correspondência de Wilde, o estudo busca preencher uma lacuna na recepção de sua obra em língua portuguesa, proporcionando acesso a uma parte menos explorada de seu legado literário. A pesquisa envolveu não apenas questões linguísticas e culturais, mas também a análise dos temas, da estética e das técnicas literárias presentes nas cartas. A partir dessa análise, ofereço uma pesquisa que enriqueça o entendimento dos leitores brasileiros sobre a complexidade da personalidade e das ideias de Wilde.

awfully pleased about it. I will send you one of them which I would like you to read.” (06/08/1876)

⁵ “You are the only one I would tell about it, as you have a philosophical mind, but don't tell anyone about it like a good boy — it would do neither us nor Todd any good. He (Todd) looked awfully nervous and uncomfortable.” (06/08/1877)

A partir disso, a metodologia adotada para a pesquisa se estabeleceu nos Estudos Descritivos da Tradução proposto por Toury (2001) e esquematizados por Lambert & Van Gorp (2011), além de termos e concepções discutidas por Paz (1995), Micoanski Thomazine (2021), Grassi (1986), Vasconcellos (2008) e Galvão (2000), em estudos de memória e experiências individuais de outras figuras públicas.

Ao traduzir essa correspondência, pretendo não apenas capturar a essência da escrita pessoal de Wilde, mas também revelar suas emoções e aspirações enquanto viveu em Oxford, Inglaterra, antes de alcançar fama internacional por suas obras. No âmbito da tradução literária, este estudo destaca a importância da "escrita do eu" de Wilde como parte integrante de sua produção literária.

Além de expandir o *corpus* de sua obra acessível aos leitores brasileiros, o trabalho se dedica a analisar e comentar as características estilísticas marcantes de Wilde, pois acredito que estes aspectos enriquecem a compreensão da sua escrita, mas também proporcionam uma visão mais profunda de suas preocupações e inquietações pessoais, contribuindo para uma leitura mais completa de sua obra. A escolha da correspondência entre Wilde e Ward como corpus desta pesquisa se justifica não apenas pelo valor literário e histórico das cartas, mas também por sua dimensão afetiva, íntima e reveladora.

Trata-se de um conjunto epistolar em que Wilde se mostra vulnerável, reflexivo e espiritualmente inquieto, o que exigiu, de minha parte, um olhar atento e empático na abordagem tradutória. Essa sensibilidade foi essencial para a construção dos comentários de tradução, que não se limitaram a aspectos linguísticos, mas buscaram interpretar os tons, hesitações e as questões que atravessam cada carta.

Esta dissertação baseou-se em procedimentos rigorosos de levantamento biográfico e documental inicialmente, visando estabelecer uma justificativa sólida e fundamentação teórica robusta. Este primeiro momento foi crucial para delinear o contexto biográfico de Oscar Wilde e fundamentar as bases teóricas da pesquisa. Em seguida, realizou-se uma revisão bibliográfica detalhada sobre metodologias aplicadas à tradução de correspondências, utilizando como referência outras traduções de cartas de escritores para o português brasileiro. Este procedimento permitiu uma abordagem comparativa que orientou a tradução do *corpus* escolhido.

Como resultado imediato da pesquisa, procedeu-se à produção de comentários críticos sobre as principais dificuldades enfrentadas na tradução dos textos, além de utilizar informações colhidas na revisão bibliográfica inicial para justificar cada escolha tradutória. Esse método não apenas assegurou a precisão das traduções realizadas, mas também ajudou na

compreensão das complexidades envolvidas na transposição linguística e cultural das correspondências de Wilde para o público brasileiro.

Este trabalho se divide da seguinte forma: a introdução e o segundo capítulo, “A correspondência literária e os desafios de tradução deste gênero”, foram escritos e conceituados a partir dos trabalhos de Mcpherson (1986), Costa (2013), Kohlrausch (2015), Maciel (2021), Fernández Campa (2020) Vanderbilt University (2024) que tratam acerca da história do gênero epistolar na humanidade e da relevância do estudo de cartas para diferentes áreas de pesquisas. Após reafirmar a importância e a singularidade destas produções e considerá-las como “correspondências literárias” por conta de seu conteúdo subjetivo, a sessão intitulada “A relevância da correspondência literária para o estudo de vida e obra de Oscar Wilde”, conta com as referências de Mead (1995), Merlin Holland (2000), Rollemberg (2000), Derrick (2010), Resende (2021) para a construção de um capítulo de revisão bibliográfica sobre pesquisas voltadas para a correspondência de Wilde.

Na terceira parte, “Remetente e destinatário: A relação entre Oscar Wilde e William Ward” foram utilizados Mead (1995), Venier (2005), Rollemberg (2000), Elmann (1998), Rangel (2011), Holland (1954) e Holland (2000) e fontes jornalísticas como a BBC de Londres para discorrer os pontos principais entre a relevância do recorte temporal de Wilde durante sua vida em Oxford e também sobre a vida de Ward, esclarecendo pontos-chaves da relação entre ambos e buscando justificar a escolha específica das correspondências entre eles como o *corpus* desta pesquisa.

O quarto capítulo foi intitulado de “Tradução comentada da correspondência literária escritas de Wilde para Ward” e inicia com o embasamento teórico utilizado para moldar a metodologia do processo tradutório e conta com o texto original de cinco cartas escritas por Oscar Wilde para William Ward: *20 de Março de 1876, São Benedito de Siena*; “17 de Julho de 1876, Bingham”; “6 de Agosto de 1876, Merrion Square North”; “6 de Setembro de 1876, Merrion Square North”; “14 de Março de 1877, Oxford.”, todas em inglês extraídas do livro *The Complete Letters from Oscar Wilde*, já citado, e alinhadas à tradução em português brasileiro acompanhando as notas de rodapé.

O penúltimo capítulo, “Comentários das traduções de correspondências literárias” está dividido em duas partes, a primeira discorre comentários acerca das traduções do corpo do texto e a segunda desenvolve análises acerca das notas de rodapé, ambas as partes são acompanhadas de tabelas que buscam justificar os desafios que se mostraram ao longo do processo tradutório.

2 A CORRESPONDÊNCIA LITERÁRIA E OS DESAFIOS DE TRADUÇÃO DESTE GÊNERO

O uso do termo correspondência literária nesta dissertação foi pensado como uma proposta conceitual para nomear um objeto tradutório que exige atenção não apenas pela sua função comunicativa, mas pelo seu valor estético, biográfico e cultural, o que vai além da simples condição de carta escrita por um autor. Muito mais do que documentos privados, essas cartas são registros de criação e circulação literária, carregando estéticas, estilos e diálogos com públicos futuros. Apesar de sua baixa circulação nos estudos acadêmicos brasileiros voltado para epistolografia/correspondência, essa expressão possui respaldo no universo anglófono, como demonstram dois exemplos recentes.

Durante o mês de dezembro de 2024, a Livraria de Coleções Especiais da Universidade Vanderbilt, em Nashville (Tennessee, EUA), realizou a exposição *Please Continue: Literary Correspondences as a Conversation*, que reuniu cartas, bilhetes, cartões-postais e fotografias de importantes nomes da literatura norte-americana, como Ralph Waldo Emerson e Elizabeth Bishop.

A curadoria da mostra descrevia essas correspondências como veículos não apenas de conteúdo, mas de personalidade, manifestada através do papel escolhido, da caligrafia, dos utensílios de escrita e dos sinais físicos da produção epistolar. Além disso, destacava-se que tais trocas de cartas ativam não só a voz do emissor, mas também a do destinatário, sugerindo afetos, críticas, planos e silêncios — ou seja, elementos que reforçam o caráter relacional e estético dessas comunicações. Isso ilustra essa perspectiva de que as trocas epistolares — mesmo quando informais — agem como objetos literários ao apresentar cartas que atravessam gerações de literatos, pois são elaboradas com propósitos, ritmos e ressonâncias criativas que sobrevivem ao tempo.

Da mesma forma, Marta Fernández Campa (2020), em seu estudo *Literary Correspondence: Letters and Emails in Caribbean Writing*, utiliza o termo *literary correspondence* para designar um *corpus* de trocas epistolares entre escritores caribenhos, incluindo e-mails arquivados em coleções literárias. Segundo a pesquisadora, essas correspondências integram um patrimônio cultural fundamental, sendo fontes valiosas para o estudo do processo criativo, da crítica literária e de experiências históricas compartilhadas. Fernández Campa dá um passo adiante ao notar que o termo *literary correspondence* pode incluir, e-mails e documentos digitais, desde que feitos por escritores em espaços de criação

ou reflexão. Em seu estudo sobre a escrita caribenha, ela defende que essas correspondências — sejam manuscritas ou eletrônicas — compõem um acervo fundamental para entender o processo criativo, a crítica literária e a história compartilhada de comunidades de escritores

A pesquisadora também destaca, citando Lise Jaillant que (*apud* Fernández Campa, 2020, pág. 6), o valor das *literary correspondences* — inclusive as digitais — está diretamente ligado à sua função como registro da vida intelectual e afetiva dos escritores. Essas trocas desempenham papel semelhante ao de diários ou ensaios, porém com o diferencial do interlocutor real — o que configura uma dialética permanente entre o íntimo e o artístico.

Além disso, a tradução de correspondência literária mobiliza práticas editoriais e críticas específicas. A seleção do vocabulário, a manutenção de formas discursivas e de usos históricos, os comentários sobre referências culturais e a escolha de notas explicativas são todos gestos de mediação. A incorporação de e-mails ou trocas digitais — como indica Fernández Campa — amplia ainda mais o escopo, exigindo que o tradutor navegue entre a oralidade leve do conversacional, a formalidade temática e as variações de registro típicas de escritores.

Inspirada por essas referências, proponho neste trabalho a adoção da expressão *correspondência literária*, como um termo válido dentro dos estudos de correspondência e de tradução. A escolha do termo não se limita à constatação de que são registros feitos por escritores, mas à compreensão de que elas carregam elementos literários, seja pelo estilo e pela linguagem empregados, seja pelo conteúdo temático que abrange o processo criativo, reflexões estéticas, comentários críticos, descrições de época e traços autobiográficos. Ampliar a discussão sobre *correspondência literária* não é apenas um exercício terminológico, mas um reconhecimento de que esse gênero exige transversalidade metodológica: ele convoca os Estudos Literários, a Tradução e a Crítica. Com isso, a dissertação não se limita a traduzir as cartas, mas reage a elas — como quem lê não somente o que está escrito, mas também o que está por trás.

Ao inserir essa visão expandida da correspondência literária, reforço que meu trabalho se coloca num campo interdisciplinar: uma tradução que escuta, interpreta, comenta e media, reconhecendo cartas como territórios literários dinâmicos e produtivos, e não apenas como mensagens do passado. Portanto, a expressão tal como usada neste trabalho, significa um terreno híbrido, onde a carta adquire status de produção literária, sem perder sua dimensão de documento pessoal. Há um desafio hermenêutico claro: admitir que o gênero epistolar oferece janelas para o íntimo, mas que esse íntimo também é encenação — uma performance literária que merece ser respeitada, traduzida e interpretada como tal.

A correspondência, como meio de comunicação escrita entre indivíduos separados

geograficamente, desempenha um papel crucial na sociedade humana. Funciona como uma alternativa à comunicação verbal direta, especialmente quando a distância física impede encontros pessoais. Essa forma de comunicação não apenas é prática, estando intimamente ligada à vida cotidiana, mas também segue um formato padronizado que inclui elementos essenciais como assinatura, endereço, data e local de escrita, além das informações de data e local de recebimento.

A evolução do reconhecimento da confidencialidade nas correspondências está diretamente associada à concepção de privacidade na história. Em períodos anteriores, as comunicações confidenciais eram frequentemente conduzidas oralmente, enquanto as correspondências assumiram um papel crucial na interação e na representação entre indivíduos. Tanto para o remetente quanto para o destinatário, a carta representa, acima de tudo, uma extensão da vida cotidiana e dos sentimentos pessoais.

A ausência física do destinatário possibilita uma liberdade maior na escolha das palavras e na representação de imagens mentais que capturam a essência do remetente e do destinatário. Conforme discutido pelos teóricos Bossis (1986), Costa (2013), Maciel (2021), Kohlrausch (2015) e Torres (2017), as cartas permitem ao remetente expressar sentimentos e experiências sem a censura imposta pelo contexto presencial e, por este motivo, as referências citadas acima são de suma importância para a escrita deste capítulo.

Iniciando pela proposta de Bossis (1986), que discorre que a correspondência, seja ela pessoal ou literária, desempenha um papel único na comunicação humana, oferecendo uma maneira de escapar das limitações da interação face a face, revelando uma dicotomia intrigante entre o público e o privado. Como mencionado, as cartas de um escritor não apenas oferecem *insights* sobre sua obra, mas também estabelecem um diálogo entre esses dois domínios separados, enriquecendo o entendimento da persona pública e das motivações privadas de quem a escreveu⁶:

O que é uma carta em sua forma mais simples? Trata-se de uma mensagem escrita por um indivíduo para outro que está distante. Ao cumprir esses requisitos, a carta sempre foi — e continua sendo — única: ela não pode ser assimilada a nenhum outro tipo de escrita. Nesse sentido, é legítimo falar de um ‘gênero epistolar’. (...). Em outras palavras, havia muitos tipos de cartas, mas todas buscam o mesmo fim: superar a distância ou a ausência que separava dois indivíduos, a fim de restabelecer uma troca. A função da carta como um ato principalmente performativo implica uma ação de retorno (*effet en retour*), que se caracteriza por seu inevitável deslocamento no tempo (Bossis, 1986, p. 1-2).

⁶ Todas as traduções das citações estrangeiras neste trabalho são de minha autoria, salvo indicação em contrário.

Esse contraste dinâmico é fundamental para compreender não apenas o conteúdo das cartas, mas também seu impacto cultural e literário. A carta, como forma de escrita fortemente codificada e instrumental, está sujeita às marcas do tempo e às transformações da linguagem ao longo das épocas.

Bossis (1986) também comenta que essa evolução linguística não apenas reflete mudanças sociais, mas também influencia a interpretação das mensagens contidas nas cartas ao longo do tempo, como observado na análise crítica. A polissemia inerente ao texto de correspondência torna cada comunicação uma interação rica em significados potenciais, que nunca devem ser interpretados de forma literal:

Quando uma carta que não nos é endereçada cai em nossas mãos, não devemos esquecer que isso ocorreu por acaso e que, ao lê-la, somos invasores e voyeurs. (...) A carta, assim como o diário pessoal, caracteriza-se por expressar sentimentos, emoções e desejos imediatos, com a ambivalência e as contradições que os acompanham, mais ou menos acentuadas dependendo do autor. A carta se expressa na imediatez do momento (Bossis, p. 4).

Assim como o diário pessoal, a carta tipicamente expressa sentimentos imediatos, emoções e desejos, revelando ambivalências e contradições conforme o escritor se manifesta no calor do momento. Este aspecto da correspondência ressalta sua natureza efêmera e a captura da experiência subjetiva em tempo real, destacando a complexidade da comunicação interpessoal através do papel e da tinta.

A correspondência é um empreendimento conjunto onde o significado é um produto da colaboração, um aspecto muitas vezes esquecido ao estudar um autor. Ao nos depararmos com uma carta não endereçada a nós, é crucial lembrar que seu acesso foi acidental e que ao lê-la, somos intrusos e voyeuristas, como destaca o fragmento. Mesmo sem ter todas as cartas à disposição e sem poder garantir a coleção completa, a ordem em que foram escritas não pode ser ignorada, pois reflete a interação em curso, cuja natureza de retorno, mesmo se não visível, ainda existe.

Baseado nisso, a correspondência para Bossis (1986) não é vista apenas como um meio de comunicação, mas também como uma expressão do desejo humano e da sedução. A ideia de que cada carta é uma carta de amor destaca a dimensão emotiva e pessoal das interações escritas, onde as palavras têm o poder de evocar sentimentos profundos e provocar respostas igualmente intensas. Assim, a correspondência continua a ser um meio fascinante de explorar as complexidades da comunicação humana e das relações interpessoais ao longo dos tempos.

Costa (2013) produziu um trabalho que busca demonstrar de que maneira a escrita

de uma carta pode se tornar um instrumento para trazer a consciência etnográfica e autobiográfica. Este ato não apenas captura o momento presente, mas também transcende a temporalidade ao reconhecer a alteridade inerente ao formato remetente-destinatário:

Primeiro, pelo poder das cartas de não nos deixar escapar do tempo da alteridade o formato remetente destinatário em si já elucida isso; segundo, pelo descentramento que o eu remetente destinatário produz na forma como forçosamente, tanto quem escreve, quanto quem lê uma carta está convocado para uma conversa sobre a própria interlocução na presença/ausência de si ou na tradução/alegoria do outro. (...) A questão de a carta ter ou não resposta, ter ou não a presença ‘física’ do outro, talvez não seja necessariamente o problema que quero colocar em evidência aqui. O que está em jogo, então, são os modos de dizer do ‘eu/outro’ (Costa, 2013, p. 4).

A correspondência pessoal, seja por carta física ou digital, é um exercício profundo de diálogo e reflexão, como evidenciado nas citações acima. Neste contexto, ela não é simplesmente um meio de comunicação, mas um convite para um diálogo sobre a própria interação, onde tanto quem escreve quanto quem lê são convocados para reflexões sobre presença e ausência, tradução e alegoria do outro. A compreensão da correspondência como um procedimento de partilha de singularidades vai além da troca de mensagens.

Ela se insere no campo das narrativas do eu contemporâneo, explorando as formações discursivas das subjetividades. O ato de escrever se torna um desafio corporal e um convite à atenção mútua, que permeia não apenas a escrita, mas também as práticas autobiográficas. Este processo implica estar constantemente atento ao outro, às interlocuções e aos diversos níveis de comunicação:

Escrever, nessa perspectiva, ativa uma compreensão da correspondência como procedimento de partilha de singularidades, o que necessariamente não tem uma relação com enviar ou receber cartas. (...) Mesmo em contextos e situações bem distintos, somos afetados no sentido da primeira pessoa discursiva, da escrita que será sempre um desafio e uma implicação de corpo; (...) A carta não foi escrita como pretexto para chegar a um fim foi escrita para inventar um outro encontro, por uma vontade de re-contextualizar, de falar sobre o outro interrogando ‘os outros’ da minha própria fala. Isso porque, dos textos que narram o ‘eu’ espetacularizado, o ‘eu’ privado, o ‘eu’ biográfico, para mim são as cartas que mais desestabilizam o lugar de quem se inscreve, de quem está implicado na escrita que teceu, justamente porque não há como escapar do dialógico, da alteridade, do encontro marcado com o outro ficcional ou não (Costa, 2013, p. 6-10).

Em um contexto mais amplo, a carta não é apenas um fim em si, mas um meio de reinventar encontros e contextualizar narrativas. Ela desafia o papel do eu na escrita, especialmente quando confrontado com os diversos públicos possíveis e as tecnologias emergentes que transformaram as formas tradicionais de correspondência. A revitalização

digital trouxe novas dimensões ao panorama da escrita pessoal, ampliando suas possibilidades e sinergias com formatos como e-mails, blogs, redes sociais e outros meios virtuais que agora coexistem com o correio físico e o papel:

(...) o que efetivamente ganhou outra configuração foi o ‘pano de fundo’, o suporte que abrigava a carta (correio, papel, caneta, selo). Não há mais dúvidas dos outros possíveis desdobramentos da escrita assegurados pelas novas tecnologias que, no espaço virtual, revitalizaram ainda mais as antigas formas de escrever. Dessa ‘revitalização’, a largura e as simbioses do processo: cartas /e-mails, diários/ blogs, ‘biografias’/ facebooks, álbuns e autorretratos/flickr, dentre outros (Costa, 2013, p. 10).

Assim, segundo o que escreveu Costa (2013), a carta continua a ser um espaço de responsabilidade e reflexão, onde cada palavra ressoa não apenas com o destinatário, mas também com os espectadores implícitos e futuros da comunicação escrita. Ela não apenas narra experiências pessoais, mas também desafia as fronteiras do eu e do outro, mantendo-se como um elo essencial no tecido das relações humanas e na evolução das formas de expressão pessoal e cultural.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Maciel (2021) escreveu sobre como a correspondência representa além de uma forma de ingresso no domínio cultural do escrito, mas também uma busca por aceitação e integração nesse local de fala e de poder relacionado ao ato de escrita, posto que em uma sociedade grafocêntrica, onde o domínio da escrita confere emancipação e autonomia, surgem desigualdades entre aqueles que possuem habilidades literárias e os que não têm acesso a essas técnicas.

A escrita epistolar se qualifica como um processo de arquivamento, visto que, no momento que os sujeitos passam a organizar suas vidas em papeis há o início de uma construção da sua memória, movimento que acaba por induzir a elaboração de sua posterioridade. No caso dos intelectuais a construção, nas correspondências, de uma ordenação dos acontecimentos e sujeitos a partir de linearidades, continuidades e coerências em sua trajetória, realiza uma espécie de traço da sua biografia e estabelecimento do seu lugar social, por isso há inúmeros silenciamentos (Maciel, 2021, p. 1).

A prática da escrita epistolar funciona também como um processo de arquivamento pessoal, permitindo aos indivíduos organizar suas vidas em papel e construir sua memória futura. Especialmente para intelectuais, as correspondências não apenas narram eventos e relações, mas também constroem uma biografia ordenada, marcando sua trajetória e posicionamento social. Contudo, esse processo também implica em silenciamentos e omissões, desafiando a ideia de que as correspondências arquivadas fornecem uma verdade sobre os

indivíduos, uma vez que são produtos de uma memória construída e transmitida através da conservação de documentos e obras literárias.

Maciel (2021) também afirma que a epistolografia envolve a criação de um pacto entre os correspondentes, conhecido como pacto epistolar, que estabelece uma relação de amizade baseada na franqueza e na promessa de compartilhar tudo sem os códigos formais tradicionais. Este acordo não apenas liberta os escritores das formalidades, mas também implica na responsabilidade mútua de manter uma comunicação regular e recíproca:

A camaradagem sugerida pelo pacto epistolar se revela não só na relação entre remetente e destinatário, mas também com outras pessoas que têm acesso à leitura, mas não são os protagonistas das correspondências, a exemplo daqueles que as utilizam com finalidades acadêmicas. (...) a relação afetiva entre os correspondentes determina a forma e intensidade com o qual o remetente irá se revelar, assim, é sua responsabilidade escolher para quem irá transparecer por inteiro, fato que, muitas vezes, destaca certa divergência entre a imagem pública de um sujeito e aquela que constrói na carta (Maciel, 2021, p. 16).

Como visto, esse pacto não se restringe à relação direta entre remetente e destinatário, mas se estende àqueles que têm acesso às cartas, como acadêmicos que as utilizam como fonte em estudos de diferentes áreas. A escrita epistolar é, portanto, uma prática profundamente relacional, oferecendo um espaço de sociabilidade onde os vínculos entre indivíduos e grupos se estreitam ou se desfazem, dependendo da intensidade e da forma como os sentimentos são expressos.

É possível inferir que a troca de correspondências não apenas revela aspectos íntimos e pessoais dos escritores, mas também promove um jogo intelectual que questiona verdades estabelecidas e destaca contradições. Essa prática possibilita o fortalecimento das relações de amizade através de uma eficácia afetiva, tornando-se um meio para explorar afetos, impressões literárias e posicionamentos políticos.

Ademais, Kohlrausch (2015) destaca a carta como um artefato multifacetado que transcende a simples comunicação escrita. Ele reafirma que a carta não apenas instrui e aconselha, mas também funciona como um meio de autoafirmação e apresentação pessoal tanto para o destinatário quanto para o remetente. Para ele, a correspondência permite uma introspecção que abre o indivíduo ao olhar do outro, criando uma narrativa de si que explora elementos como o corpo e a temporalidade dos dias.

A revisão bibliográfica feita pelo autor nos faz perceber que os estudos convergem ao enfatizar que a carta não é apenas um meio de comunicação, mas um instrumento fundamental na construção de identidades, na preservação da memória e na documentação das

interações sociais e culturais. Ela não só revela aspectos íntimos e pessoais dos escritores, mas também desempenha um papel significativo na história literária ao contextualizar obras e movimentos artísticos dentro de suas respectivas épocas.

Após conseguirmos definir o que são as cartas, seus aspectos mais amplos e mais íntimos, além de qual é a sua função na sociedade, partiremos para a exploração de obras e estudos que exploram, traduzem e comentam sobre correspondências de vários autores buscando se valer de uma metodologia próxima ou similar para a tradução das cartas de Wilde para Ward, bem como uma forma de compreender o formato e a importância dos comentários para um trabalho de tradução literária, como podemos observar através das conclusões de Torres (2017):

Cada gênero se define a partir de um conjunto de características. Na minha opinião, o gênero tradução comentada poder ser definido por algumas características que tento elencar aqui: O caráter autoral: o autor da tradução é o mesmo do comentário; O caráter metatextual: está na tradução comentada incluída a própria tradução por inteiro, objeto do comentário; a tradução está dentro do corpo textual (o texto dentro do texto); O caráter discursivo-crítico: o objetivo da tradução comentada é mostrar o processo de tradução para entender as escolhas e estratégias de tradução do tradutor e analisar os efeitos ideológicos, políticos, literários, etc. dessas decisões; O caráter descritivo: todo comentário de tradução parte de uma tradução existente e, portanto, reflete sobre tendências tradutórias e efeitos ideológico-políticos das decisões de tradução. O caráter histórico-crítico: todo comentário teoriza sobre uma prática de tradução, alimentando dessa forma a história da tradução e a história da crítica de tradução (p. 18).

Cada comentário de tradução, conforme delineado por Torres (2017), não apenas explora a tradução em si, mas também lança luz sobre seu impacto no contexto ideológico e político. Por esse motivo, é possível compreender que o caráter histórico-crítico da tradução comentada contribui significativamente para a teoria e a prática da tradução, enriquecendo tanto a história da tradução quanto a história da crítica de tradução.

Ao teorizar sobre práticas de tradução específicas, o gênero de tradução comentada alimenta um *corpus* de conhecimento crítico que amplia a compreensão das dinâmicas interculturais e literárias subjacentes às traduções realizadas ao longo do tempo. Para uma crítica informada sobre tradução literária, é pertinente considerar que Torres (2017) propõe um método de tradução comentada como um caminho para elucidar os processos e escolhas envolvidos na adaptação de obras literárias para diferentes contextos linguísticos e culturais.

A autora apresenta um exemplo concreto ao traduzir 'O Cônego ou Metafísica do Estilo' de Machado de Assis para o francês, acompanhado de comentários detalhados. Esse método, segundo a autora, se assemelha a um método científico, onde cada escolha de tradução

é justificada e teorizada, permitindo não apenas a transposição linguística, mas também a reflexão crítica sobre as implicações ideológicas e estilísticas das decisões tomadas:

Para ilustrar o meu pensar sobre tradução literária, trago aqui uma possível leitura de ‘O Cônego ou Metafísica do Estilo’ de Machado de Assis que traduzi em francês, acompanhado do meu comentário. Uma espécie de método científico de tradução literária comentada. O que podemos analisar na literatura comentada? Eu responderia que depende. Depende do texto e depende do tradutor-comentarista-pesquisador. O que é certo é que não dá para comentar e analisar tudo. Deve-se fazer escolhas em função dos objetivos prefixados e das prioridades estabelecidas. O meu comentário explica e teoriza sobre parte do processo de tradução, sobre os modelos de traduções existentes e sobre algumas das minhas escolhas de tradução justificadas (Torres, 2017, p. 19).

Ao adotar uma abordagem de tradução comentada, esse estudo enfatiza a importância das escolhas deliberadas feitas pelo tradutor-comentarista-pesquisador. Essas escolhas não são arbitrárias, mas são guiadas por objetivos específicos e prioridades estabelecidas, que podem variar dependendo do texto original, do contexto cultural e das expectativas do público-alvo. É destacado que a tradução comentada não visa abranger todo o texto original, mas sim selecionar aspectos significativos que podem ser explicados e interpretados à luz das práticas tradutórias existentes e dos modelos críticos adotados.

Portanto, o método de tradução literária comentada de Torres (2017) não apenas amplia o entendimento sobre o processo de tradução em si, mas também enriquece o campo da crítica literária ao proporcionar uma análise detalhada das decisões interpretativas e estilísticas do tradutor. Essa abordagem não apenas facilita a compreensão das obras traduzidas, mas também contribui para a teoria e a prática da tradução.

A partir do que foi estudado acerca dos estudos de correspondências e da observância da necessidade do acompanhamento de um comentário para contextualizar o leitor, se tornou crucial para o objetivo desta pesquisa, explorar estudos prévios que abordam desafios tradutórios específicos no contexto epistolar, iniciando por Micoanski (2021) e Oliveira (2021) que discutem que a tradução de cartas envolve não apenas transpor palavras de uma língua para outra, mas também preservar nuances culturais e estilísticas que caracterizam a voz do autor. Este desafio se torna particularmente evidente ao lidar com correspondências de figuras icônicas como Wilde, cujo estilo literário é distintivo.

Também foi estudada a obra organizada por Süsskind (2021), *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*, que oferece um exemplo valioso de como a análise crítica das correspondências pode informar o processo de tradução. Ao explorar essa coleção, os tradutores não apenas estudam as escolhas linguísticas e estilísticas dos escritores, mas também

aprendem a contextualizar suas relações pessoais e intelectuais dentro do panorama literário e histórico de sua época. Isso ofereceu uma percepção válida sobre como equilibrar uma fidelidade ao texto-fonte com uma interpretação sensível na tradução para o texto-alvo.

Através da leitura da tese de Silva (2010), *Cartas a uma mulher de letras: correspondência de Ralph Waldo Emerson: tradução comentada* e da dissertação de SOARES (2012), *Tradução comentada de cartas de Byron para e sobre Madame de Stäel* é constatado que as correspondências são documentos que transcendem o âmbito pessoal, refletindo movimentos literários, políticos e sociais significativos.

Ao traduzir as cartas de Wilde para Ward, é fundamental considerar não apenas o conteúdo explícito das mensagens, mas também os subtextos, as alusões culturais e as entrelinhas que podem escapar a uma leitura superficial. A interpretação cuidadosa desses aspectos pode enriquecer a compreensão das relações entre os correspondentes e proporcionar uma visão mais profunda da vida intelectual e afetiva de Wilde no século XIX.

Rocha (2013) em *Cartas visionárias de Arthur Rimbaud*, que ilustra como as correspondências de grandes escritores não apenas documentam eventos pessoais, mas também servem como testemunho das transformações na própria prática literária e nas concepções de arte. Traduzir as cartas de Wilde para Ward, portanto, não é apenas um ato de transposição linguística, mas também uma oportunidade de participar de um diálogo contínuo com a história literária, respeitando e reinterpretando as complexidades que esses documentos revelam.

2.1 A relevância da correspondência literária para o estudo da vida e da obra de Oscar Wilde

Ao longo dos anos, diversas publicações têm contribuído significativamente para ampliar nosso conhecimento sobre Wilde, revelando facetas íntimas e intelectuais que não são acessíveis através de seus escritos publicados. Esta sessão busca traçar uma ordem cronológica dos últimos anos acerca das descobertas e publicações que se destacam em um panorama geral.

Mead (1995), em sua contribuição para *The Wildean*, revela uma carta até então desconhecida endereçada por Wilde a Ward, amigo íntimo que faz parte do *corpus* desta pesquisa. O achado do pesquisador é particularmente significativo por marcar a transição na assinatura de Wilde, passando das iniciais do seu nome completo para simplesmente "Oscar Wilde". Esse detalhe não apenas contextualiza a evolução da imagem pública de Wilde, mas também oferece insights sobre suas preocupações pessoais e profissionais na época.

The Complete Letters of Oscar Wilde, livro anteriormente publicado por Davis (1962) e editado por Merlin Holland (2000), representa uma compilação abrangente e autorizada das correspondências de Wilde. Com mais de mil páginas, esta obra não apenas cataloga a maioria das cartas enviadas pelo autor ao longo de sua vida, mas também contextualiza cada uma delas com notas de rodapé elucidativas. Essas anotações identificam os destinatários, o contexto das correspondências e oferecem detalhadamente informações das redes sociais e culturais em que Wilde estava inserido.

Recebida em 2008 pela Morgan Library & Museum através de um presente da socialite brasileira Lucia Moreira Salles, a coleção de manuscritos e cartas não publicadas de Oscar Wilde que permanece até hoje nesse museu em Nova Iorque, representa um tesouro inestimável para estudiosos e entusiastas do autor. Após mais de meio século de desconhecimento, esses documentos agora estão disponíveis em *fac-símile* digital, permitindo um estudo minucioso das palavras e pensamentos do autor tal como foram originalmente registrados.

Continuando a análise das contribuições recentes para o estudo das cartas de Oscar Wilde, os anos após 2010 continuaram a revelar novos *insights* fascinantes sobre o autor e sua obra através de correspondências inéditas e análises acadêmicas.

Derrick (2010), em seu trabalho *Wilde Meant that Letterally*, ressalta a importância das cartas como ferramentas para explorar a literatura em uma era dominada pela tecnologia. Ele argumenta que as correspondências revelam detalhes fascinantes sobre textos, oferecem *insights* sobre as intenções dos autores e suas perspectivas sobre o mundo em que viviam. Para os estudiosos de Wilde, essas cartas fornecem uma nova dimensão para apoiar a leitura de suas obras, ajudando a entender como as diversas personas que Wilde cultivou - sejam elas privadas, profissionais, públicas ou autorais - se interligam e se influenciam mutuamente.

Em 2013, a descoberta de uma carta de Wilde para um jovem chamado “Mr. Morgan” foi explorada por Quinn (2013), Stuart (2013) e foi comentada pelo jornal brasileiro Gazeta do Povo. A referida correspondência revela conselhos preciosos dirigidos a um jovem aspirante a escritor. O autor aconselha que o melhor trabalho na literatura é feito por aqueles que não dependem exclusivamente dela para sobreviver. Além do conselho, foi encontrado o primeiro rascunho do soneto *The New Remorse*, lançando luz sobre o processo criativo de Wilde e sua interação com seus contemporâneos.

Em 2016, a BBC de Londres, por meio de Arwa Hairder, cobriu um evento significativo que envolveu a leitura pública de *De Profundis* por Colm Tóibín na cota original

de Wilde, como parte de uma grande exposição inspirada na carta. Este evento sublinha como as suas correspondências continuam a inspirar obras de arte contemporâneas e a servir como uma ponte entre o passado e o presente, oferecendo um palco para discussões sobre arte, sociedade e justiça.

Mais recentemente, em 2019, o editorial *Pemberly Fox* refletiu sobre o contraste entre a comunicação moderna e a escrita à mão de Wilde. As cartas do autor não são apenas fluentes e divertidas, mas também revelam sua habilidade em transmitir pensamentos profundos e sentimentos íntimos de uma maneira que ressoa através das décadas. Esses registros pessoais não apenas proporcionam uma visão privilegiada do homem por trás da fama, mas também celebram a durabilidade e a profundidade da comunicação escrita em um mundo cada vez mais digital.

Em 2020, Rob Marland trouxe à luz cartas não publicadas de Wilde em seu trabalho *Uncollected letters of Oscar Wilde*. Uma dessas cartas, dirigida à atriz Florence West, oferece *insights* valiosos sobre o envolvimento de Wilde com o teatro após sua libertação da prisão em 1897. Este achado proporciona uma visão única do interesse contínuo de Wilde pelas artes cênicas e de como ele navegou por sua vida pós-cárcere, destacando sua resiliência e compromisso com sua arte.

Juliet Gardner, por sua vez, lançou em 2020 *The Illustrated Letters of Oscar Wilde: A Life in Letters, Writings and Wit*. Este livro biográfico não apenas contextualiza as cartas de Wilde com imagens artísticas e históricas, mas também apresenta os textos originais das correspondências do autor. Através deste formato inovador, Gardner oferece aos leitores uma experiência enriquecedora que combina a palavra escrita de Wilde com elementos visuais que ajudam a capturar a atmosfera e o contexto de sua época.

No Brasil, os estudos das cartas de Wilde têm sido uma área de crescente interesse desde os anos 2000, com a publicação de Marcelo Rollemberg, *Sempre seu, Oscar: uma biografia epistolar* (2000), que oferece um panorama abrangente das correspondências do escritor durante a década final de sua vida, abordando desde seu sucesso inicial até seu trágico fim em Paris. O destaque vai para a versão completa de *De Profundis*, uma epístola comovente e autobiográfica escrita por Wilde durante seu período de encarceramento em Reading, que se tornou uma peça central no entendimento de sua trajetória pessoal e literária.

Autores brasileiros como Fábio Mussalim e Karen Cristine Rodrigues, em seu estudo de 2014, *O funcionamento da autoria na epístola De Profundis de Oscar Wilde*, exploram meticulosamente os múltiplos papéis assumidos por Wilde na escrita dessa carta. Eles investigam como Wilde articula as diferentes instâncias de sua autoridade - como pessoa,

escritor e inscritor - dentro dessa obra marcante, revelando não apenas seu talento literário, mas também sua complexa relação consigo mesmo e com seu contexto social e cultural.

Recentemente, Yuri Barbosa Resende, em 2021, concentrou-se na análise detalhada de *De Profundis* como um testemunho autobiográfico crucial de Wilde. Em *O Crepúsculo de Oscar Wilde: escrita de si e estética da existência em De Profundis (1897)*, Resende contextualiza a epístola no período de prisão de Wilde e explora como suas ideias sobre arte, verdade e sociedade são encapsuladas nesse texto significativo. Esses estudos colaboram para o entendimento acadêmico de Wilde no Brasil e destacam sua relevância contínua como uma figura literária e cultural de importância global.

Analizando o contexto dos estudos sobre as correspondências de Oscar Wilde no Brasil, é possível perceber que a maioria dos estudiosos decide enfatizar a carta *De Profundis*, escrita para Lord Alfred Douglas. Entretanto, o presente estudo busca uma ampliação do foco para suas correspondências escritas antes da fama, especificamente para as que foram enviadas ao seu amigo Ward durante seus dias de estudante em Oxford, oferecendo uma perspectiva fascinante e essencial desses documentos não explorados anteriormente. Buscando lançar luz sobre a formação intelectual e pessoal de Wilde antes de sua ascensão ao estrelato literário, mas também permitem uma análise mais profunda das sementes de suas ideias e da evolução de seu estilo literário.

À medida que novas cartas são descobertas e estudadas, os pesquisadores têm a oportunidade não apenas de expandir nosso conhecimento sobre Wilde como indivíduo multifacetado, mas também de revisitar seu contexto histórico-cultural de maneiras que antes não eram possíveis.

Cada correspondência revela aspectos únicos da mente brilhante de Wilde e de sua relação com o mundo ao seu redor, destacando sua genialidade artística e sua contribuição para o pensamento social de sua época. Assim, ao explorar esses documentos inéditos, continuamos a desvendar camadas adicionais de sua vida e obra, enriquecendo nosso entendimento de um dos escritores mais influentes e enigmáticos da literatura mundial.

3 REMETENTE E DESTINATÁRIO: A RELAÇÃO ENTRE OSCAR WILDE E WILLIAM WARD EM OXFORD

Wilde teve uma infância marcada por influências familiares distintas e pelo ambiente intelectual vigoroso em que foi criado. Filho de Jane Wilde, uma mãe comprometida com o nacionalismo irlandês, que apesar de sua fé protestante, o batizou na Igreja Católica na infância, e de um pai respeitado, médico especializado em oftalmologia e otorrinolaringologia, Wilde cresceu em meio a debates literários e científicos. Do lado paterno, Wilde teve um irmão chamado Henry Wilson que seguiu a carreira do pai William, tendo uma posição de destaque como diretor do renomado St. Mark 's Ophthalmic Hospital for Diseases of the Eye and Ear, proporcionando-lhe uma visão privilegiada da ciência na Irlanda do século XIX.

O escritor enfrentou desafios no contexto familiar com perdas pessoais significativas, incluindo a morte prematura de sua irmã mais nova, Isola, que deixou uma marca indelével em sua vida, o fazendo carregar consigo uma mecha do cabelo dela em um envelope pelo resto da vida. Essas experiências familiares moldaram profundamente suas perspectivas e influenciaram seu desenvolvimento intelectual e emocional.

Apesar das adversidades, Wilde mostrou desde cedo uma inclinação para os estudos acadêmicos, inicialmente matriculando-se no Trinity College, onde começou a desenvolver suas habilidades literárias e sua notável eloquência. Cultivou amizades duradouras nesse período, incluindo a amizade com Agnes Bodley, que o acompanhou em sua jornada para Oxford.

Essa amizade e o ambiente acadêmico vibrante de Trinity foram fundamentais para sua formação intelectual e para o desenvolvimento de suas ideias e estilo literário distintos. A transição para Oxford marcaria o início de uma fase crucial em sua vida, onde suas habilidades literárias e sua personalidade cativante começaram a atrair a atenção de figuras proeminentes da sociedade britânica.

Figura 1 – Oscar Wilde em seu primeiro ano de Oxford. Seu irmão mais velho Henry Wilson está a sua direita e seu amigo Agnes Bodley a sua esquerda



Fonte: Elmann, 1987.

Chegando à prestigiosa universidade um dia após completar 20 anos, em 17 de outubro de 1874, Wilde já trazia consigo um histórico peculiar. Criado em um ambiente onde a aristocracia inglesa era familiar, graças aos parentes com o mesmo sobrenome que frequentavam sua casa desde a infância, ele se destacava não apenas por sua inteligência aguçada, mas também por sua personalidade singular.

Logo ao chegar, Wilde impressionou seus colegas e professores com seu intelecto, porém era percebido como um aluno diferente dos demais. Instalado inicialmente nos alojamentos de Magdalen, seu percurso acadêmico foi marcado por uma série de mudanças de residência dentro da universidade. Segundo Elmann (1987), nos primeiros dois anos, ocupou os quartos no No. 1, 2. Ala Direita, em Chaplain 's, mudando para o No. 8, térreo à direita, em Cloisters, nos dois anos seguintes. Seu último ano foi vivido de maneira luxuosa, nos aposentos próximos às escadas da cozinha.

Apesar de sua reputação acadêmica, Wilde não escapou das observações críticas de alguns de seus contemporâneos. Um amigo seu, J. E. C. Bodley, descreveu-o de maneira

incisiva em um artigo para o *The New York Times*, mencionando sua ingenuidade, seu riso convulsivo, seu leve sotaque irlandês e sua pronúncia afetada. Essas características, somadas à sua presença excêntrica, tornaram Wilde uma figura fascinante e muitas vezes enigmática dentro do ambiente acadêmico de Oxford.

Ainda utilizando Elmann (1987) como referência, é possível observar que Wilde era uma figura que despertava reações intensas entre seus colegas. Seu sotaque irlandês inicialmente o destacava como diferente, algo que ele próprio se empenhou em suprimir ao longo do tempo: “meu sotaque irlandês foi uma das várias coisas que esqueci em Oxford” (p. 62).

No entanto, sua singularidade não se limitava à pronúncia; ele era visto pelos estudantes de estudos clássicos como uma espécie de excêntrico. Desprezado pelos atletas, apesar de lutador de boxe, Wilde foi alvo de incidentes curiosos:

Seus colegas do curso de clássicos o consideravam um esquisito. Ele desprezava os atletas e também era desprezado por eles, que, segundo uma versão, se vingaram arrastando-o até o topo de uma colina alta, só então o deixando livre. Ele ergueu-se, sacudiu a poeira e comentou: ‘A vista desta colina é realmente muito encantadora.’ (...) a Junior Common Room de Magdalen decidiu, certa noite, espancar Wilde e despedaçar seus móveis. Quatro estudantes de graduação foram incumbidos de invadir seus quartos enquanto os demais observavam das escadas. O resultado foi inesperado: Wilde chutou o primeiro, dobrou o segundo com um soco, arremessou o terceiro pelos ares e, ao agarrar o quarto — um homem tão forte quanto ele — carregou-o até seu dormitório e o enterrou sob seus próprios móveis (Elmann, 1987, p. 69-70).

Ainda assim, Wilde não estava imune à controvérsia e à discordância, mas ele próprio considerava esses anos como os melhores de sua vida, descrevendo sua estadia na universidade como "o período mais florido" de sua existência.

Essa experiência não apenas o transformou como indivíduo, mas também o equipou com as ferramentas necessárias para desafiar as convenções literárias e sociais de seu tempo, pavimentando o caminho para sua notável carreira como um dos escritores mais originais e influentes da era vitoriana, como podemos ver através dos *Commonplace Books* de Oscar Wilde, que revelam não apenas suas leituras e influências durante seus anos de formação em Oxford, mas também oferecem um vislumbre profundo de sua mente brilhante e complexa.

Esses cadernos são fundamentais para os estudos contemporâneos de sua literatura, pois neles podemos mapear não apenas os autores e obras que ele absorveu, mas também suas reflexões sobre temas que definiriam sua carreira literária e suas posturas sociais. Em seus *Commonplace Books*, Wilde aborda abstrações como Cultura, Progresso, Escravidão, Metafísica e Poesia, sugerindo desde cedo a necessidade de se posicionar em relação a esses

temas complexos e fundamentais.

Questões de arte e atitudes artísticas são temas recorrentes, indicando seu interesse profundo pela beleza como um conceito que ele venerava quase como uma divindade. A presença de escritos em francês também revela a amplitude de suas influências culturais e o refinamento de sua abordagem estética, que transcende simplesmente o ornamento para se tornar uma convicção essencial, como pontua Elmann (1987).

O pesquisador brasileiro destes registros, Waki (2024), considera que eles não apenas documentam o desenvolvimento intelectual de Wilde, mas também prenunciam os temas e estilos que viriam a caracterizar sua produção literária. Ao desafiar as convenções literárias e sociais de sua época, Wilde não apenas enriqueceu seu próprio pensamento, mas também sua habilidade em combinar profundidade filosófica com uma estética refinada e provocativa, o que o estabeleceu como um dos grandes nomes da literatura ocidental:

Wilde de fato se valeu em muito desse método, e seus cadernos, assim chamados college notebooks, podem ser encontrados hoje em seus originais manuscritos na William Andrews Clarke Memorial Library em Los Angeles. Entretanto, embora esses manuscritos estejam acessíveis ao público, eles em sua maioria nunca foram publicados, em parte pela dificuldade de decifrá-los e transcrevê-los, em parte pelo fato de que Merlin Holland, neto de Wilde, detém hoje os direitos de publicação de seu espólio. (...) Esses cadernos de Wilde são de suma importância para os estudos contemporâneos de sua literatura porque com base neles conseguimos mapear não apenas os autores e obras que ele leu em seus anos de formação, mas também suas mudanças de pensamento ao avançar de suas notas de estudo a seus escritos de maturidade (Waki, 2024, p. 13).

Rangel (2011) comenta que seus professores eram John Ruskin (1829-1900), que fundou a Irmandade Pré-Rafaelita, e o misterioso Walter Pater (1839-1894), considerado um dos maiores críticos literários da era vitoriana, porém não se sabe muito sobre sua vida pessoal, pois não manteve diários e nem escrevia cartas.

Dentro do Magdalen College, Wilde cultivou relações íntimas e distintas com seus colegas de dormitório, que se revelaram tanto complexas quanto significativas:

Dentro do Magdalen College, seus amigos mais próximos no primeiro ano eram três vizinhos muito próximos. O primeiro era William Walsford Ward, que mais tarde se tornaria advogado, e estava na metade do curso de *Greats* (literatura clássica por dois anos, seguido de história antiga e filosofia por mais dois), o mesmo que Wilde também cursava. Wilde o chamava de ‘o único homem no mundo de quem tenho medo’, talvez por causa de sua oposição ao flerte de Wilde com o catolicismo. Havia também um estudante loiro e bonito chamado Reginald Richard Harding, que mais tarde se tornaria corretor da bolsa, e que Wilde descreveu como ‘meu maior camarada’. Suas cartas tanto para Harding quanto para Ward sobreviveram. Elas fazem amplo uso de

apelidos: Ward era chamado de ‘Bouncer’, em referência a um personagem de um romance cômico, e Harding, de ‘Kitten’ [gatinho], inspirado na canção ‘Beg your parding, Mrs Harding, Is my kitting in your garding?’ [Desculpe, Sra. Harding, meu gatinho está no seu jardim?]. Wilde era chamado de ‘Hosky’. Esse círculo foi ampliado para incluir David Hunter Blair, um jovem sério que Ward convenceu a descer as escadas prometendo que a conversa de Wilde valeria a pena ser ouvida. Hunter Blair, um baronete escocês com uma vasta propriedade em um lugar chamado Dunskey — e por isso conhecido como ‘Dunskie’ — era profundamente religioso e, embora maçom, meditava uma conversão (Elmann *apud* Rangel, 2011, p. 70).

Seus laços mais próximos no primeiro ano incluíam Hunter-Blair, apelidado por eles como “Dunskie”, que foi responsável por fazer um encontro de Pio XI com Wilde em 1877, o qual segundo Alvarez (2016) no livro *The Catholicism of Oscar Wilde*, o Papa disse a Wilde: “Espero que você faça uma jornada na vida para chegar à cidade de Deus”.

Observa-se que o encontro teve um grande impacto em Wilde e o deixou sem palavras. Ele ficou irritado por seu pai ter se recusado a deixá-lo se converter quando criança e supostamente disse: *O Catolicismo é a única religião pela qual vale a pena morrer*. Nessa reunião, Wilde não se converteu como discutido com os clérigos. Ele tentou novamente converter-se em 1878, mas desistiu porque seu pai ameaçou deserdá-lo financeiramente. Wilde acabou se juntando à Igreja Católica pouco antes de sua morte.

As correspondências de Wilde com seus quatro amigos que sobreviveram ao tempo, e principalmente as trocadas com Reginald Richard Harding e William Ward, revelam um uso abundante de apelidos afetuosos, como “Kitten” para Reginald Richard Harding e “Bouncer” para William Welsford Ward que ocupava um lugar central em seu círculo íntimo nessa época de sua vida.

Figura 2 – Reginald Harding (à esquerda), William Ward (ao centro) e Oscar Wilde (à direita)



Fonte: Greek Love.

Segundo Elmann (1987), Wilde costumava unir seus vizinhos em seu quarto aos finais de semana para discutir opiniões e ideias novas, como era o costume de sua mãe na Irlanda. Em uma dessas vezes, Ward, tenta diminuir o ímpeto ambicioso de Wilde de se tornar um grande escritor, posto que ele ainda não tinha decidido qual caminho seguir em sua vida profissional:

Bouncer Ward tentou colocá-lo contra a parede. “Você fala muito sobre si mesmo, Oscar”, disse Ward, “e sobre todas as coisas que gostaria de conquistar. Mas nunca diz o que vai fazer da sua vida.” Wilde evitava perguntas tão diretas e apenas respondeu: “Deus sabe. De qualquer forma, não serei um catedrático ressecado de Oxford.” Ele não estava sendo completamente sincero, pois as cartas de sua mãe, datadas de 1875 e 1876, mostram que ele ainda não havia desistido dessa possibilidade. Mas, no silêncio da noite em Magdalen, ele se elevava acima do academicismo: “Serei poeta, escritor e dramaturgo. De um jeito ou de outro, serei famoso — e, se não famoso, notório” (Elmann, 1987, p. 84).

Wilde parecia prever o seu grandioso futuro na literatura através do questionamento de Ward, este segundo marca um episódio que virou caso de polícia mais de cem anos depois da morte de ambos. Reginald Harding e Wilde presentearam Ward com um anel de ouro dezoito quilates e junto com as iniciais de ambos, havia a frase “A memento of friendship: from two

friends to a third.” tradução de Merlin Holland (2000) do grego para o inglês, que em tradução livre para o português se torna: “Em lembrança de nossa amizade: de dois amigos para um terceiro.”

Figura 3 – “Em lembrança de nossa amizade: de dois amigos para um terceiro”



Fonte: CGTN.

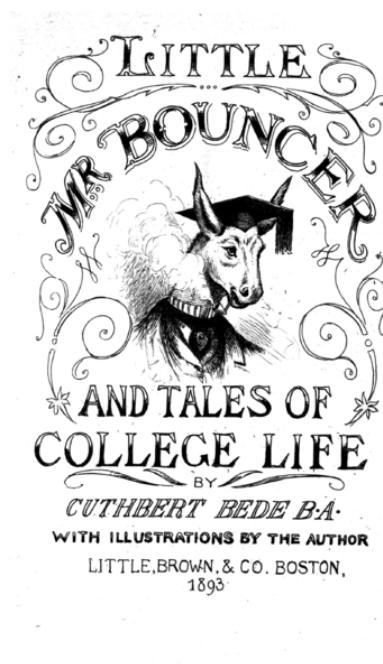
O anel se tornou notícia internacional, após ser roubado do museu de Oxford e ter sido recuperado somente vinte e cinco anos depois por um pesquisador alemão conhecido como “Indiana Jones do mundo da arte” e retornar para o museu. A peça está avaliada em U\$70.000 e esse acontecimento foi coberto por matérias de diferentes lugares do mundo, incluindo a imprensa brasileira com a Revista Exame a IstoÉ.

Ainda segundo o repórter do jornal, o alemão Arthur Brand recuperou a joia após encontrá-la em um site de mercado paralelo e que havia rumores que ele foi inicialmente pego por uma quadrilha durante um roubo de joalheria em 2015, o pior da história da Inglaterra, onde os ladrões levaram quase 250 milhões de libras esterlinas.

A BBC de Londres em 04 de dezembro de 2019 publicou uma entrevista com o presidente do Magdalen College acerca do retorno do anel, ao qual o então Prof. Sir David Clairy enfatizou que “quase teve um ataque do coração” ao perceber que era a peça verdadeira e uma coisa tão simples e pequena, mas com um valor tão grandioso para a instituição poderia ter sido perdido para sempre e que o pesquisador Arthur Brand encontrou “uma agulha num palheiro”.

Merlin Holland (2000) comenta que não havia encontrado fotografias de William Welsford Ward e por esse motivo não era possível ter certeza se o apelido “Bouncer” era por alguma característica física semelhante ao animal protagonista dos livros de onde saiu o vulgo em questão, *Mr. Little Bouncer and His Friend Verdant Green* de Cuthbert Bede publicado em 1853.

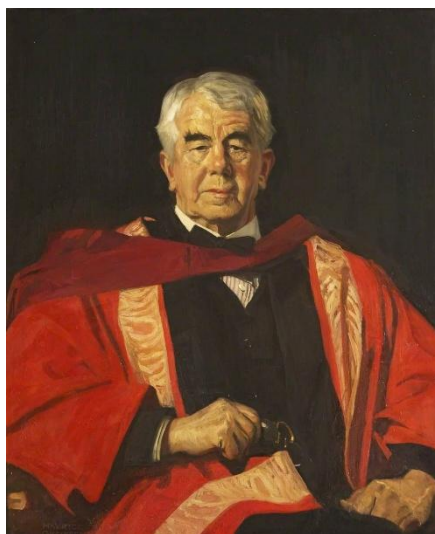
Figura 4 – Capa do livro “Little Mr. Bouncer of College Life” a continuação dos contos humorísticos de Cuthbert Bede



Fonte: Wikisource.

Entretanto, após uma pesquisa no site da Merchant Venturers Society de Bristol - onde William se tornou Mestre em 1896 e posteriormente Tesoureiro em 1932, fazendo carreira na instituição após sua saída de Oxford - foi possível encontrar uma imagem de William Welsford Wilde já com idade avançada e exibindo os títulos adquiridos em sua carreira:

Figura 5 – William Welsford Ward em uma pintura datada de 1925 no Merchant Hall em Bristol, Inglaterra



Fonte: Merchant Venturers Society.

Através de uma pesquisa no site Family Search, conhecido por traçar genealogias e oferecer informações sobre data de nascimento e falecimento através do nome completo, foi possível verificar que William se casou com uma mulher chamada Charlotte Elizabeth Rogers e em 1887 quando ela tinha 27 anos e ele 33, tiveram um filho, Francis Welsford Ward e em 1890 veio a filha mais nova, Cecil Gertrude Ward.

Após uma coleta de informações de um arquivo fornecido pelo memorial de Saltford, Bristol com as inscrições de túmulos e memoriais documentados em 1911, foi possível descobrir que William W. Ward morreu como um advogado aposentado e membro de conselhos universitários de Bristol em 12 de fevereiro de 1932 aos 52 anos, foi casado durante vinte e cinco anos com Charlotte, teve dois filhos (Francis morreu com 30 anos em 1917 e Cecil tinha 21 anos quando o pai morreu), possuía seis prédios e uma quantia de 31.757 libras esterlinas quando morreu, deixando a sucessão de seus bens para sua esposa. Foi enterrado ao lado de seus pais, Charles Edward Ward e Mary Frances Ward, e suas irmãs, Ana Florence Ward e Emily Margaret Clark Ward.

Sua filha mais nova, Cecil Gertrude Ward tem uma relevância importante para a realização desta pesquisa, posto que ela foi responsável por conservar a memória de seu pai e fornecer as cartas que ele recebeu de Wilde e guardou até o fim da vida para a Universidade de Oxford, sendo isso de grande valia para a pesquisa de Mead (1995), além de entregar para Vyvyan Holland, filho de Wilde, um texto escrito por William intitulado *An Oxford Reminiscence* para ser usado como fonte e apêndice do livro *Son of Oscar Wilde* publicado pela Penguin Books em 1957.

3.1 *An Oxford Reminiscence*: a visão de William Ward

Vyvyan Holland (1957) destaca a relevância do texto *An Oxford Reminiscence* nos agradecimentos do livro, comentando que a partir deste escrito foi possível reconhecer as personalidades de outras cartas que Wilde enviou durante seu período em Oxford:

Ao Presidente de Oxford, que me concedeu acesso às cartas de Oscar Wilde para William Welsford Ward e permitiu que eu as publicasse; à senhorita Cecil Ward, filha de W. W. Ward, a quem sou grato pela *An Oxford Reminiscence* escritas por seu pai, e que me ajudou a identificar muitas das pessoas mencionadas nas cartas de Oscar Wilde durante sua graduação (Holland, 1957, p. 5).

O autor justifica durante seu prólogo que as cartas que seu pai trocou com seus colegas de Oxford revelavam uma personalidade completamente diferente da que a opinião pública construiu sobre Wilde, por esse motivo ele destaca ter adicionado as cartas de William Ward e Reginald Harding ao final do livro, sendo estas as primeiras cartas estudadas de Wilde. Vyvyan Holland (1957) comenta de forma introdutória a relação de William W. Ward e seu pai:

Essas cartas foram todas escritas no período de três anos entre 1876 e 1878, quando Oscar Wilde tinha entre vinte e dois e vinte e quatro anos. A maioria foi escrita durante as férias, embora muitas das cartas posteriores para William Ward tenham sido enviadas de Magdalen, já que Ward, sendo mais velho que meu pai em Oxford, formou-se e deixou a universidade um ano antes dele. Essas cartas mostram meu pai sob uma luz muito diferente daquela em que algumas pessoas tentaram colocá-lo durante os tempos de Oxford, e servem para desfazer a impressão de que ele era, um esteta frágil e um tanto afeminado naquela época. (...) Nos aposentos de Magdalen, primeiro ocupados por William e depois por meu pai, há um desenho riscado com um diamante em uma das janelas; abaixo do desenho está escrito ‘Little Mr. Bouncer’ e assinado por meu pai (Holland, 1957, p. 23-26).

O desenho citado por Vyvyan é comentado por Mead (1995), entretanto o segundo pesquisador comenta que o desenho foi supostamente apagado/destruído em uma festa. Entretanto, uma pesquisa nas redes sociais do campus de Madgalen, foi possível encontrar um vídeo que mostra o desenho emoldurado e mantido em um memorial de Wilde no quarto em que ocupava.

Em relação ao conteúdo disposto no texto *An Oxford Reminiscence* escrito por Ward, podemos ter a visão que o amigo tinha de Wilde durante os anos em que conviveram em Oxford, destacando que ele era seu amigo mais íntimo e que apesar de Wilde ser brilhante, charmoso e criativo, ele era visto como alguém fora do comum pelos estudantes da instituição, mas por esse motivo não competia a eles julgá-lo pelos padrões comuns da época:

Um dos meus maiores amigos em Oxford — certamente o mais íntimo durante meu último ano — foi Oscar Wilde. Quão brilhante e radiante ele podia ser! Quão brincalhão e encantador! Como seus humores variavam, e como ele se deleitava na inconsistência! O capricho do momento era, segundo ele próprio admitia abertamente, seu ditador. Agora é possível ver, à luz de sua vida posterior, os sinais iniciais daquelas tendências que acabariam levando à sua ruína. Havia algo de estrangeiro para nós — e de inconsequente — em seus modos de pensar, assim como havia uma leve suspeita de sotaque irlandês em sua pronúncia e um tom incomum em sua formulação de frases. Suas qualidades não eram comuns, e nós, seus amigos mais próximos, não o julgávamos pelos padrões comuns (Ward *apud* Holland, 1957, p. 220).

Ward escreve que estava relendo as cartas enviadas de Wilde para ele e se surpreendeu ao notar que a personalidade bem-humorada que ele conheceu do escritor se mantinha intacta apesar do tempo, posto que ele usa uma referência das críticas literárias de

Wilde, justificando que as cartas são escritas “diretamente do coração”, revelando pensamentos e anseios que ele mostrava para poucos e, por isso, somente algumas pessoas conheciam esse lado e permaneceram com essa lembrança dele. Isso nos ajuda a reafirmar a relevância dessas correspondências literárias para o estudo da biografia e da obra de Wilde.

No texto, Ward também destaca a relação de Wilde com a crença católica e as discussões que tinha com Hunter-Blair, “Dunskie” - que posteriormente viria a se tornar padre - em uma dessas vezes ele bateu na cabeça de Wilde e disse: “Você vai se ferrar! Você vai se ferrar por ver a luz e não a seguir!” e Wilde respondeu: “Mas você com certeza vai ser salvo por sua ignorância invencível!” (Ward *apud* Holland, 1957, p. 224).

Ward comenta sobre o encontro com Papa Pio XI e que Hunter-Blair recebeu de um admirador secreto uma pedra de diamante muito bonita, a qual ele prometeu presentear a Wilde quando este retornasse para a Igreja Católica. Ele a entregou para Ogilvie Fairlie na condição dele presentear Oscar Wilde quando ele resolvesse se converter, com votos de Nossa Senhora da Igreja de Santo Agostinho. Entretanto, os anos foram se passando e Fairlie deu a sua esposa que, por sua vez, ofereceu à Igreja de Santo Agostinho, Ward comenta que todas as vezes que visitava Roma, ia até o santuário.

Segundo Ward, o retorno de Oscar Wilde para a Igreja Católica antes de sua morte não foi como um naufrago buscando algo para se amarrar, mas sim como um retorno ao primeiro amor:

Sua decisão final de buscar refúgio na Igreja Romana não foi um gesto súbito de alguém que se agarra a uma tábua no naufrágio, mas sim um retorno a um primeiro amor — um amor rejeitado, é verdade, ou pelo menos deixado de lado no trágico percurso de sua autodescoberta —, mas que o assombrava desde os primeiros dias com um feitiço persistente (Ward *apud* Holland, 1957, p. 221)

Ward também comenta que o ideal de liberdade e individualismo cultivado por Wilde durante sua vida o fizeram postergar as suas obrigações profissionais e religiosas, apesar de precisar de dinheiro. “Qual é a utilidade da porta aberta para o pássaro enjaulado há tanto tempo que sua capacidade de voar se esvai?” (Ward *apud* Holland, 1957, p. 222).

Ele nos dá o direcionamento de resposta para alguns questionamentos pertinentes dessa pesquisa: “Por que se afastaram se eram tão amigos na faculdade?”. Ward explica que a fama de Wilde o fez se ocupar em outros lugares e com outras pessoas e que décadas depois de ter recebido a última carta de Wilde, se encontrou com ele em um evento, percebeu que toda a intimidade que outrora tinham foi dissipada e sua reação foi pensar: “Quantum mutatos ab ilio!”, uma expressão em latim para “Quanto ele mudou!” (Ward *apud* Holland, 1957, p. 223).

Ao final de *An Oxford Reminiscence*, Ward adiciona um fragmento de Dante no Purgatório, quando o protagonista encontra um rei considerado herege para a Igreja, mas que no momento final de sua vida pediu perdão e foi parar no purgatório, situação essa que ele julga ser análogo ao contexto de vida final de Wilde:

Orribil furon li peccati miei,
Ma la bontà infinita ha sì gran
braccia Che prende cio, che si
rivolge a lei. Dante, Purgatorio, 111,
121-3.⁷

A escolha desse fragmento não é aleatória: ao traçar esse paralelo com Wilde, Ward sugere uma leitura compassiva e espiritualmente redentora de seu antigo amigo. Apesar dos julgamentos morais e sociais que acompanharam Wilde ao longo da vida e especialmente após sua prisão, Ward parece reconhecer nele o mesmo movimento final de reconciliação retratado por Dante — um retorno ao sagrado que, embora tardio, é sincero.

Figura 6 – Oscar Wilde (em pé, à direita) em companhia de seus outros colegas de Magdalen College no ano de 1876



Fonte: Dark Lane View.

⁷ Em tradução livre para o português a frase diz: “Meus pecados foram horríveis, mas a bondade infinita tem braços tão largos que acolhe a todos que se voltam para ela”.

4 TRADUÇÃO DA CORRESPONDÊNCIA LITERÁRIA ENVIADA DE OSCAR WILDE PARA WILLIAM WARD (1876 - 1877)

Durante o processo de pesquisa e de escolha sobre qual metodologia iria utilizar para dar sustentação ao meu propósito, a abordagem dos Estudos Descritivos da Tradução se destacou. Gideon Toury desenvolveu sua teoria com foco na observação do que ocorre durante a prática da tradução com foco nos contextos históricos e socioculturais específicos, em vez de prescrever modelos ideais ou universais de tradução.

Em seu livro *Descriptive Translations and Beyond* (2012), o autor defende que uma ciência empírica, como os Estudos da Tradução, só pode alcançar autonomia e completude se possuir uma vertente descritiva consolidada. Segundo ele, “nenhuma ciência empírica pode reivindicar completude e (relativa) autonomia sem que tenha um ramo descritivo adequado” (TOURY, 2012, p. xi, tradução minha). Essa vertente não se limita a relatar práticas tradutórias, mas busca compreender os padrões recorrentes do comportamento tradutório em contextos específicos, funcionando como elo entre teoria e prática.

Toury propõe que os objetos de estudo da tradução sejam examinados a partir da cultura de chegada, ou seja, com ênfase nas funções que os textos traduzidos desempenham no sistema receptor. Essa abordagem, denominada *target-oriented* (orientada para o alvo), desloca o foco da fidelidade ao texto de partida para a análise das normas e expectativas que regem a recepção do texto na cultura-alvo. Conforme afirma o autor, “as traduções devem ser consideradas como fatos da cultura que as acolhe” (TOURY, 2012, p. 19, tradução minha). Essa perspectiva permite analisar a tradução das cartas de Oscar Wilde não apenas como um exercício linguístico, mas como um ato cultural que se insere em um sistema literário específico — neste caso, o brasileiro — e que atende às necessidades e expectativas de um público-alvo particular.

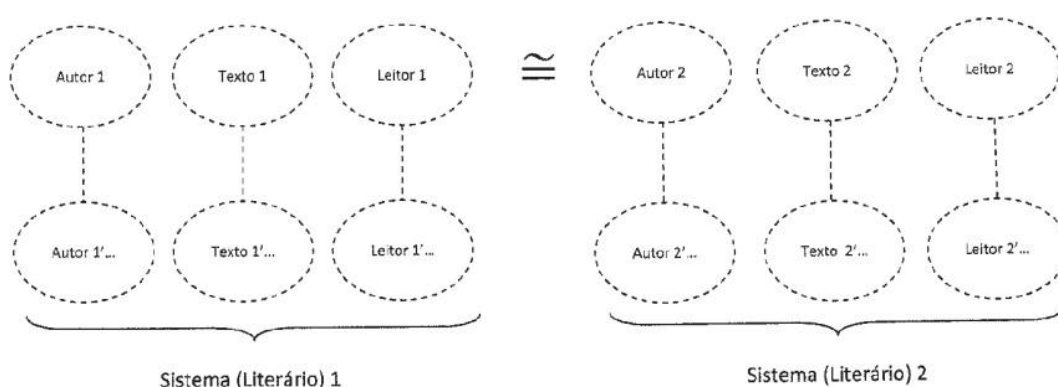
Outro ponto fundamental na abordagem de Toury é a ideia de que a tradução é uma atividade normativamente orientada. Para o autor, a manutenção de traços do texto-fonte em uma tradução “não ocorre porque esses traços são ‘importantes’ em um sentido intrínseco, mas porque lhes foi atribuída importância a partir da perspectiva do destinatário” (TOURY, 2012, p. 7, tradução minha). Ou seja, são os valores e interesses da cultura-alvo que definem o que merece ser preservado e como isso será realizado na tradução. Essa compreensão justifica as escolhas feitas neste trabalho, que priorizam a inteligibilidade, o tom epistolar e o estilo de Wilde, sem abrir mão de certa adaptação cultural que facilite o acesso do leitor brasileiro

contemporâneo à riqueza expressiva do texto-fonte. Os Estudos Descritivos da Tradução favorecem a identificação de regularidades de comportamento tradutório, permitindo a formulação de hipóteses e até de leis de tendência.

A tradução comentada das cartas de Wilde, neste contexto, funciona como estudo de caso, revelando as estratégias empregadas e os fatores condicionantes que orientam as escolhas tradutórias. Assim, ao adotar os EDT como estrutura metodológica, esta pesquisa aproxima-se da visão de Toury de uma disciplina que se constrói a partir da observação rigorosa de práticas reais. Além disso, os Estudos Descritivos desempenham três funções principais dentro do campo dos Estudos da Tradução: *teórica*, ao contribuir para o conhecimento sistemático sobre a tradução como fenômeno cultural; *aplicada*, ao informar práticas de formação e avaliação; e *preditiva*, ao permitir a antecipação de comportamentos tradutórios com base em tendências observadas.

No livro *Literatura e tradução: uma introdução à teoria literária da tradução* (2011), estão organizados textos pertinentes para a compreensão geral do ato de traduzir literário e um dos capítulos está o texto *Sobre a descrição das traduções* escrito por José Lambert e Hendrik Van Gorp e traduzido para o português pela professora Marie-Hélène Torres. Exibindo um esquema hipotético, os autores discutem acerca dos parâmetros básicos dos fenômenos tradutórios, como podemos observar a seguir:

Figura 7 – Esquema hipotético para descrever traduções



Fonte: Lambert & Van Gorp, 2011.

A grande contribuição do esquema de Lambert e Van Gorp é oferecer uma ferramenta analítica que se desvia das noções normativas tradicionais, como fidelidade ou qualidade intrínseca da tradução. O foco desloca-se para o funcionamento da tradução em seu contexto histórico e cultural, considerando também sua recepção, circulação e crítica. Nesse

sentido, o texto traduzido se torna uma fonte rica para investigar as tensões entre teoria e prática tradutória.

Quando falamos em tradução literária, não podemos pressupor um processo previsível ou totalmente controlado. A ligação entre o texto de partida e o texto de chegada é aberta, sujeita a variações que dependem fortemente das escolhas do tradutor. Essas escolhas, por sua vez, são moldadas pelas normas predominantes no sistema literário da cultura-alvo. O processo tradutório da correspondência literária de Wilde para o português brasileiro ajuda a evidenciar como a tradução é, antes de tudo, um ato interpretativo.

Analisar as relações entre sistemas literários fonte e alvo como proposto por Lambert e Van Gorp (1985) se mostra pertinente dentro dos estudos de correspondência. Eles reconhecem que ambos os sistemas são dinâmicos e se inter-relacionam com outros sistemas culturais. Isso me leva a refletir que, ao traduzir uma carta escrita entre 1876 e 1877 para o português atual, estou não apenas lidando com dois idiomas distintos, mas também com dois contextos literários com mais de um século de distância entre si. A tradução, nesse caso, precisa buscar pontos de harmonia possíveis, mesmo diante de inevitáveis tensões temporais, culturais e linguísticas.

No modelo proposto pelos autores, a tradução é compreendida como resultado das relações entre diversos parâmetros. Para a minha dissertação, separei os seguintes pontos por considerá-los pertinentes: *T1 – T2*: Refere-se ao confronto entre o texto original (as cartas de Wilde) e minha tradução; *R1 – R1' / R2 – R2'*: Envolve os leitores do texto-fonte (William Ward, inicialmente) e os leitores contemporâneos do texto-alvo. A recepção das cartas muda ao longo do tempo e em diferentes contextos, sendo necessário um aparato paratextual que facilite essa nova leitura; *Sistema literário 1 – Sistema literário 2*. A comparação entre o sistema literário britânico do final do século XIX e o brasileiro contemporâneo, evidencia como o distanciamento temporal impõe desafios, mas também oferece oportunidades para reflexão crítica e construção de pontes culturais.

Nenhuma tradução é completamente fiel ou totalmente aceitável – há sempre um equilíbrio instável entre essas duas tendências. As interferências do sistema-alvo são inevitáveis e, muitas vezes, necessárias. Traduzir, portanto, é sempre tomar decisões entre o que preservar e o que transformar.

Dessa forma, a equivalência entre os textos fonte e alvo não deve ser vista como um dado fixo, mas como uma construção que depende das circunstâncias da tradução. Avaliar a tradução com base no seu lugar na literatura de chegada é considerada mais produtiva por Lambert & Van Gorp (1985) do que julgá-la apenas por seus desvios em relação ao original.

Ao final do texto, é adicionado em apêndice um esquema sintetizado para a descrição de traduções contendo tópicos como: *Dados preliminares*; *Macronível*; *Micronível* e *Contexto Sistêmico*. A partir deste, pude classificar melhor as etapas do processo tradutório das correspondências.

Os *dados preliminares* da tradução se referem às informações básicas da correspondência: a data a que se refere, o local, por quem foi escrita e para quem será enviada. Todos estes dados estão presentes no início do T1 e do T2, posto que *estratégia geral* utilizada foi a tradução justaposta ao texto-fonte para permitir comparação. A tradução também conta com *metatextos* desenvolvidos para uma melhor compreensão do leitor, como notas de rodapé dentro do próprio texto.

No *macronível*, foram desenvolvidos comentários autorais sobre as justificativas de escolha de determinadas palavras. Ainda a nível macroestrutural, a busca pela organização e manutenção do tamanho dos parágrafos da mesma forma que no T1 foi uma estratégia que impactou diretamente no *micronível*, que se apresenta na seleção de estruturas que deveriam ser mantidas, omitidas ou reduzidas, como jargões específicos (*Midterm*, *Greys*), paráfrases em outros idiomas e pronomes de tratamento.

Ao analisar o *contexto sistêmico*, é possível inferir as relações intertextuais estabelecidas entre o T2 com outras traduções do mesmo sistema literário e campo de pesquisa, como a escolha de traduzir “Sempre seu, Oscar” ao final de cada despedida, mantendo assim a mesma tradução das outras correspondências de Wilde feita por Marcello Rollemberg em livro *Sempre seu, Oscar* (2000), além da produção de notas de rodapé explicativas como as feitas por Merlin Holland em *The complete letters of Oscar Wilde* (2000) e as outras pesquisas em tradução de correspondência, *Lettere (1578 - 1585) de Filippo Sassetti: tradução comentada e anotada para o português* de Karla Ribeiro (2023) e *Uma tradução comentada da epistolografia de Virginia Woolf e Lytton Strachey* (2017) escrito por Georgia Gardênia Brito Cavalcante Carvalho, ambas me fizeram escolher por desenvolver tabelas comparativas entre o T1 e T2 para exibir a tradução de expressões estrangeiras, títulos honoríficos e lugares citados, sendo possível compreender de forma mais clara as escolhas feitas no processo tradutório.

Apesar de reconhecer que, para os Estudos Descritivos, o texto traduzido (T2) é fundamental enquanto evidência empírica e objeto de análise central, optei por integrar à minha metodologia os princípios éticos discutidos por Antoine Berman no livro *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (2007), onde ele propõe uma distinção entre a tradução como simples técnica e a tradução como experiência e pensamento. Para o autor, “a tradução é uma experiência que pode se abrir e se (re)encontrar na reflexão. Mais precisamente: ela é

originalmente (e enquanto experiência) reflexão” (BERMAN, 2007, p. 23). Essa formulação funda uma abordagem metodológica que não separa a prática tradutória da crítica e da filosofia, mas as compreende como dimensões indissociáveis do ato de traduzir. Assim, a tradução das cartas de Wilde, nesta dissertação, não se restringe a um exercício técnico de equivalência, mas busca instaurar um espaço de pensamento em que a cultura, a linguagem e o outro possam se manifestar.

Na mesma perspectiva, Berman defende que a tradução deve ser compreendida como espaço de hospitalidade ao estrangeiro. Sua metáfora do “albergue do longínquo” revela uma visão ética da tradução, contrária à tendência histórica da prática etnocêntrica e assimiladora. Ele observa que “a tradução etnocêntrica é uma realidade histórica” (BERMAN, 2007, p. 42), caracterizada por práticas que visam apagar a alteridade do texto original e adaptá-lo aos padrões da cultura de chegada. Ao contrário, a tradução defendida por Berman preserva os traços da alteridade e da diferença, acolhendo-os como parte essencial da experiência tradutória. No contexto desta pesquisa, essa abordagem ética se manifesta na atenção dada às marcas culturais da escrita epistolar de Wilde, que não são domesticadas ou suavizadas, mas apresentadas com a devida contextualização.

Um dos eixos centrais da reflexão bermaniana é a valorização da “letra” do texto, que se opõe ao modelo dominante de tradução como simples transmissão de sentido. Para ele, “a tradução é tradução-da-letra, do texto enquanto letra” (BERMAN, 2007, p. 33). Essa “letra” não se refere à literalidade superficial, mas às formas sensíveis que compõem o corpo do texto: ritmo, aliteração, tom, estrutura sintática, metáforas e jogos linguísticos. Os comentários inseridos ao longo do texto e nas notas de rodapé oferecem ao leitor um espaço para observar essas escolhas, explicitar as perdas e compensações e refletir sobre o funcionamento estético da tradução.

Para Berman, traduzir é mais do que transferir sentido — é um gesto de abertura ao outro, de acolhimento da alteridade. Como escreve o autor, a tradução deve ser “animada pelo desejo de abrir o Estrangeiro enquanto Estrangeiro ao seu próprio espaço de língua”, não apenas comunicando, mas revelando e manifestando a diferença do texto original (Berman, 2007, p. 70). Berman reivindica para o tradutor um lugar de produção intelectual que transcende os binarismos entre teoria e prática. Ele afirma que “a tradução é sujeito e objeto de um saber próprio” (BERMAN, 2013, p. 24), um saber que não se reduz à linguística, à crítica literária ou à técnica, mas que emerge da própria experiência tradutória. A metodologia adotada nesta dissertação parte dessa compreensão: os comentários de tradução funcionam como instrumento de análise e, simultaneamente, como forma de compartilhar o conhecimento produzido no ato

tradutório. Assim, a tradução torna-se também forma de crítica, e o tradutor assume a responsabilidade de tornar visíveis os conflitos, decisões e sensibilidades que atravessam o texto traduzido.

Isso me levou a entender que, excluindo a parcela de leitores que já havia contato prévio com Wilde, a leitura do público-alvo (R2), também exige uma certa dosagem de domesticação — não no sentido de suavizar ou vulgarizar o texto, como alerta Berman, mas de criar pontos de apoio para que a diferença seja compreendida. Nesse sentido, a reflexão de Paulo Henriques Britto sobre a impossibilidade de fidelidade total ao texto-fonte oferece um ponto de partida fundamental para compreender o recorte metodológico aqui empregado. Para o autor, “o tradutor literário deve ter consciência de que seu objetivo — produzir um texto que reproduza, na língua-meta, todos os aspectos da literariedade do texto original — é, em última análise, inatingível” (Britto, 2012, p. 49). Essa afirmação não implica uma falência da tradução, mas convida o tradutor a reconhecer que sua tarefa não é a de duplicação literal, e sim a de reconstrução seletiva. Ao traduzir as cartas de Oscar Wilde, buscou-se preservar os traços estilísticos e contextuais que mais contribuem para a recepção da obra no sistema literário brasileiro, mesmo que, para isso, certos elementos tivessem que ser adaptados ou omitidos.

A ideia de fidelidade, portanto, não se dissolve, mas é reelaborada sob uma ótica funcional. Britto propõe que o leitor da tradução possa experimentar efeitos semelhantes aos proporcionados pelo texto-fonte: “Cabe ao tradutor [...] produzir na língua-meta um texto que seja tão próximo ao texto-fonte, no que diz respeito às suas principais características enquanto obra literária, que o leitor de sua tradução possa afirmar, sem mentir, que leu o original” (Britto, 2012, p. 50). Essa perspectiva orientou a construção do corpus traduzido nesta dissertação, no qual as cartas não foram tratadas como simples registros históricos, mas como peças de escrita literária, portadoras de subjetividade, ironia, e carga afetiva. A tradução, nesse contexto, assume um papel formativo: permite ao leitor brasileiro não apenas acessar o conteúdo das correspondências, mas também experienciar o estilo de Wilde em sua riqueza expressiva.

Outro ponto relevante para a metodologia adotada refere-se à visibilidade do tradutor. Ao contrário da tradição que defende uma postura invisível e submissa, Britto argumenta que o tradutor deve assumir uma posição crítica e responsável, tornando explícitas suas decisões sempre que possível. Ele afirma: “O tradutor não deve ser invisível, mas responsável; sua intervenção, sempre que possível, deve ser sinalizada — seja por meio de notas de rodapé, seja por prefácios, seja por comentários explícitos” (Britto, 2012, p. 60). Tal entendimento reforça a escolha por uma tradução comentada, estruturada tanto com anotações no corpo do texto quanto em notas explicativas. As intervenções, longe de interromperem a

leitura, propõem um diálogo entre o original e o contexto de recepção, ampliando a consciência do leitor sobre o processo tradutório envolvido.

Essas considerações teóricas sustentam a metodologia que guia esta dissertação, baseada em uma tradução que não busca ilusão de transparência, mas sim exposição e reflexão. A prática tradutória aqui descrita encontra apoio não apenas na tradição dos Estudos da Tradução, mas também em vozes como a de Britto, que reivindicam um espaço ético e crítico para o tradutor no processo de mediação cultural. Ao longo dos comentários de tradução e das notas explicativas, o compromisso com essa abordagem pode ser observado na análise cuidadosa das escolhas lexicais, sintáticas e culturais, que têm como objetivo não a domesticação da escrita de Wilde, mas sua inteligibilidade e impacto no horizonte de expectativas do leitor brasileiro contemporâneo.

Como já observou Britto (*apud* Oliveira, 2023, p. 193), é impossível que uma tradução alcance uma fidelidade absoluta ao original, o que reforça a necessidade de reconhecer a tradução como um processo de escolha, não de espelhamento. A mediação entre manter a voz estrangeira e torná-la acessível à nova audiência implica justamente em aceitar esse limite estrutural do ofício tradutório.

Nesse sentido, minha proposta tradutória buscou equilibrar essas forças: deixar que a voz de Wilde ressoasse com sua riqueza e complexidade, ao mesmo tempo construir um diálogo possível com o leitor brasileiro contemporâneo, se alinhando à visão de Britto, que ressalta que traduzir está longe de ser um ato mecânico: trata-se, antes, de uma prática criativa, que exige sensibilidade e tomada de decisões éticas e estéticas (*apud* Oliveira, 2023, p. 193). Ele comenta como muitas vezes o tradutor precisa explicar ao público o valor do próprio trabalho, contestando a noção simplista de que uma tradução deve escolher entre beleza e fidelidade — quando, na verdade, ambas podem e devem coexistir.

Ao pensar a tradução como prática crítica e cultural, damos de encontro com outra concepção formulada por Antoine Berman, a retradução. Em seu artigo “A retradução como espaço da tradução” (2017), Berman sustenta que apenas a retradução pode, eventualmente, atingir o que ele chama de “sucesso tradutório”, ainda que esse sucesso se dê num “campo de essencial insucesso que caracteriza a tradução” (BERMAN, 2017, p. 261). Isso ocorre porque toda tradução é marcada por uma dose de insuficiência, incompletude e resistência, elementos que se fazem especialmente presentes nas primeiras tentativas de traduzir uma obra. A retradução, portanto, não é apenas uma repetição técnica, mas uma nova inscrição temporal que permite atualizar a recepção de um texto em outra cultura, em outro momento histórico.

Berman destaca que as traduções envelhecem mais rapidamente do que os textos

originais, pois estão profundamente ligadas a um “estado determinado da língua, da literatura, da cultura” (BERMAN, 2017, p. 262). Essa constatação é particularmente relevante no caso das cartas de Oscar Wilde, cuja linguagem densa e marcada por referências sociais, literárias e religiosas do período vitoriano pode rapidamente se tornar arcaicas para os leitores contemporâneos. Assim, a presente tradução se insere no espaço da retradução não só por ser uma nova versão de um autor já traduzido, mas por propor um diálogo renovado com o texto-fonte — um diálogo consciente das insuficiências anteriores e dos desafios da recepção no Brasil atual.

Além da dimensão temporal, Berman introduz o conceito de *kairos* como o “momento favorável” para o surgimento de uma grande retradução. Para ele, “a grande retradução só surge no momento em que se encontra suspensa a resistência que gera a insuficiência” (BERMAN, 2017, p. 266). Nesse sentido, a retradução é não apenas fruto da necessidade linguística ou editorial, mas expressão de um tempo histórico em que traduzir certa obra se torna vital. O presente trabalho não reivindica o status de “grande tradução” — como as que Berman exemplifica com Lutero, Baudelaire ou Amyot —, mas reconhece a importância de um momento de maturação tradutória em que a obra de Wilde possa ser novamente confrontada com a língua portuguesa, agora sob outra perspectiva, com outros recursos e outras expectativas.

A ideia de que “toda tradução é marcada pela ‘não-tradução’” (BERMAN, 2017, p. 266) é um convite à crítica tradutória, não à renúncia. A retradução se apresenta, então, como uma tentativa de reduzir essa insuficiência, de iluminar zonas de sombra deixadas por traduções anteriores e de aprofundar a relação entre texto original e cultura de chegada. A prática da tradução comentada adotada nesta dissertação — com observações inseridas no corpo do texto e nas notas de rodapé — permite justamente dar visibilidade a esse processo de tensionamento, corrigindo, dialogando e expandindo o espaço textual de Wilde na cultura brasileira. Traduzir, nesse contexto, é reabrir um espaço de significância, fazendo ressoar, com outros timbres, a voz de um autor cuja obra permanece em constante movimento.

Sendo assim, a pesquisa propõe um espaço para a retradução do T1, posto que a retradução não é apenas uma correção de traduções anteriores, mas uma reinterpretação que reflete as mudanças culturais, linguísticas e estéticas ao longo do tempo. Ela permite que o tradutor revele aspectos do texto original que podem ter sido obscurecidos ou omitidos em versões anteriores, oferecendo uma nova perspectiva e enriquecendo o diálogo entre as culturas.

4.1 Carta 1 - 20 de março de 1876

TEXTO ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO
<p>To William Ward Monday [20 March 1876] S. Benedict of Siena Magdalen College, Oxford</p> <p>My dear Bouncer, I am very glad to hear from Mark that you have come back safe out of the clutches of those barbarous Irish. I was afraid that the potato-chips that we live on over there would have been too much for you.</p> <p>Some beastly old Evangelical parson here has, I believe, been praying for snow, and his prayers have been quite successful, as the weather has been awful since you went away.</p> <p>I heard once from the Kitten about a gummy hat-box he says he left in his little room. I was too much ashamed to ask Mrs Brewer about it, so I suppose the poor Kitten has to go to church in a frock coat and pot-hat.</p>	<p>Para William Ward Segunda-feira, 20 de março de 1876 São Benedito de Siena⁸ Madgdalen, Universidade de Oxford</p> <p>Meu querido Bouncer, estou muito feliz por ouvir através de Mark que você voltou são e salvo das garras dos irlandeses bárbaros. Eu estava com medo que o nosso amor por batatas fritas fosse assustador demais para você.</p> <p>Algum maldito pastor evangélico daqui esteve orando para que nevasse e eu acredito que suas orações estão sendo bem-sucedidas, pois o tempo está péssimo desde que você se foi.</p> <p>Uma vez eu ouvi de Kitten sobre uma caixa de chapéu grudenta que ele disse que deixou em seu quarto. Eu fiquei muito envergonhado de perguntar à Sra. Brewer sobre isso, mas</p>

⁸ Esse local não existe, podendo ser uma piada ou erro de Wilde.

<p>I have not done so much reading as I thought I would, but am going to turn over a new leaf this week. Mark has been out every night to see a Brasenose man, but I have just found out that all the men there have gone down, so I suppose he mistook the Lane for the College. He is working hard at scores of the lowest kind to be practiced on Stubbs next term. I hope you will write soon. Your affectionate friend: OSCAR O'F. WI. WILDE</p> <p>Algy was up last week and old Hammond has written to me to say he will be up today, so our reading has been rather disturbed. I am more than ever in the toils of the Scarlet Woman, and brought Mac and young Frank to S. Aloysius last night to hear Father Coleridge - Mark as sick and costive (mentally) as possible about it - 'I know what it all means.'</p>	<p>suponho que o pobre Kitten teve que ir para a Igreja com uma sobrecasa e uma cartola.</p> <p>Eu não tenho lido tanto quanto eu deveria, mas vou entregar um trabalho novinho em folha essa semana. Mark⁹ tem saído toda noite para ver um rapaz da faculdade de Brasenose¹⁰, mas eu acabei de descobrir que todos os rapazes de lá tiveram que descer, suponho que ele confundiu o caminho certo para a faculdade. Ele está trabalhando arduamente nas matérias em que ele tira menores notas para poder se aprofundar em Stubbs¹¹ no próximo período. Eu espero que você me escreva em breve. Seu afetuoso amigo, Oscar O'F WI. Wilde</p> <p>O Algy esteve aqui na semana passada e o velho Hammond escreveu-me para dizer que vai estar por aqui hoje, por isso a nossa leitura tem sido bastante prejudicada. Estou mais do que nunca na labuta pela Mulher Escarlata e levei o Mac e o jovem Frank para S. Aloysius¹² ontem à noite para ouvir o Padre Coleridge - Mark o mais insano e mesquinho possível disse: "Eu já sei o que isto tudo significa".</p>
---	---

4.2 Carta 2 - 17 de julho de 1876

TEXTO ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO
<p>To William Ward MS Magdalen Monday (Postmark 17 July 1876) Bingham</p>	<p>Para William Ward MS Magdalen Segunda-feira, enviado dia 17 de julho 1876 Bingham</p>

⁹ Provavelmente o apelido de Herbert Delamark Banks (1854-1931).

¹⁰ Brasenose College, uma das faculdades mais antigas de Oxford e conhecida por seu clube de remo.

¹¹ William Stubbs foi um bispo anglicano e historiador inglês.

¹² Igreja Paroquial Católica no centro de Oxford que havia sido inaugurada um ano antes, 1875.

<p>Dear Boy, I have never heard from you except your scrawl written from the rocks on your arrival. However I hope to find some letters at home waiting for me. I have had a delightful week here. The garden and house are very beautiful.</p> <p>I never saw such lilies - white and red and golden. Nearly all the family are good artists. Mrs Miles is really wonderful. I suppose you remember my showing you her drawings in Ruskin's School at Oxford when we went there to your sister.</p> <p>Mr Miles père is a very advanced Anglican and a great friend of Newman, Pusey, Manning, Gladstone and all English theologians. He is very clever and interesting: I have learned a lot from him. If you want an interesting book get <i>Pomponio Leto</i> - an account of the last Vatican Council - a really wonderfully dramatic book.</p> <p>How strange that on the day of the Pope publicly declaring that his Infallibility and that of the Church were identical a fearful storm broke over Rome and two thunderbolts fell from heaven. It reads like the talkative ox of Livy (<i>bos locutus est</i>) and the rain of blood, that were always happening.</p> <p>I don't know what to think myself. I wish you would come to Rome with me and test the whole matter. I am afraid to go alone. I never knew how near the English Church was to joining with Rome.</p>	<p>Querido rapaz, nunca mais ouvi falar de ti, a não ser sobre os teus rabiscos escritos nas rochas depois da tua chegada. No entanto, espero encontrar algumas cartas em casa à minha espera. Passei uma semana muito agradável aqui. O jardim e a casa são lindos.</p> <p>Nunca vi tantos lírios assim - brancos, vermelhos e dourados. A maior parte da família é feita de bons artistas. Sra. Miles é realmente maravilhosa. Suponho que te lembras de eu te ter mostrado os desenhos dela na Ruskin's School, em Oxford, quando fomos lá encontrar com a tua irmã.</p> <p>O Sr. Miles père¹³ é um anglicano muito avançado e um grande amigo de Newman, Pusey¹⁴, Manning, Gladstone e de todos os teólogos ingleses. É muito inteligente e interessante: Aprendi muito com ele. Se quiser um livro interessante, compre <i>Pomponio Leto</i> - um relato do último Concílio do Vaticano¹⁵ - um livro realmente maravilhosamente dramático.</p> <p>Como é estranho que, no dia em que o Papa declarou publicamente que a sua infalibilidade e a da Igreja eram idênticas, uma terrível tempestade se abateu sobre Roma e dois raios caíram do céu. É como o boi falador de Lívio (<i>bos locutus est</i>)¹⁶ e a chuva de sangue, que estavam sempre a acontecer.</p> <p>Eu próprio não sei o que pensar. Gostaria que viesses comigo a Roma e que testassem toda esta questão. Tenho medo de ir sozinho. Nunca pensei que a Igreja Inglesa estivesse tão perto de se juntar a Roma.</p>
--	---

¹³ Do francês, "patriarca".

¹⁴ Edward Bouverie Pusey (1800-1882) foi um sacerdote anglicano e professor de Hebraico em Oxford.

¹⁵ O primeiro Concílio do Vaticano que durou oito meses, convocado por Pio IX e conhecido por designar o dogma da Infalibilidade Papal (1869 - 1870).

¹⁶ Em latim: "O boi falou" em referência a uma antiga história romana de mal presságio onde um boi teria falado durante o arado, narrada por Tito Lívio em *Ab Urbe Condita*.

<p>Before the Promulgation of the Immaculate Conception Pusey and Liddon and others were working hard for an Eirenicon and union with Rome, but now they look to the Greek Church. But I think it is a mere dream, and very strange that they should be so anxious to believe the Blessed Virgin conceived in sin.</p> <p>As regards worldly matters, we have had some very pleasant garden parties and any amount of lawn tennis. The neighbourhood also boasts of a giant in the shape of the Honourable Lascelles who is sixteen years old and six foot eight in height!</p> <p>He is reading with a Mr Seymour near here, a clergyman (father of young Seymour of Balliol), to go up for Magdalen. What an excitement he will cause, but he is not going up for two years, so we won't see him there.</p> <p>I suppose you will see the Kitten, after you leave Lundy. Send me your address like a good boy. Mine will be at Merrion Square North, Dublin, till I go down to Galway, which I hope to do soon.</p> <p>Ever yours OSCAR F. O'F. WILLS WILDE</p>	<p>Antes da Promulgação da Imaculada Conceição, Pusey, Liddon e outros estavam a trabalhar arduamente por um <i>Eirenicon</i>¹⁷ e pela união com Roma, mas agora olham para a Igreja Grega. Mas penso que se trata de um mero sonho, e é muito estranho que eles estejam tão ansiosos por acreditar que a Santíssima Virgem concebeu em pecado.</p> <p>No que diz respeito a assuntos mundanos, temos tido algumas festas de jardim muito agradáveis e uma grande quantidade de jogos de ténis. A vizinhança também se orgulha de ter um gigante, o Sr. Lascelles, que tem dezesseis anos e um metro e oitenta de altura!</p> <p>Ele está estudando com um Sr. Seymour, um clérigo (pai do jovem Seymour de Balliol), para ir para Magdalen. Que excitação que ele vai causar, mas só vai entrar daqui a dois anos, por isso não vamos o ver lá.</p> <p>Suponho que vais ver o Kitten, depois de deixares Lundy. Seja bonzinho e me envie seu endereço. A minha será em Merrion Square North, Dublin, até eu ir para Galway, o que espero fazer em breve.</p> <p>Sempre seu, OSCAR F. O'F. WILLS WILDE</p>
---	---

4.3 Carta 3 - 06 de agosto de 1876

TEXTO ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO
----------------	-----------------

¹⁷ Tratado Eirenicon (1865), escrito por Edward Bouverie Pusey, que visava reconciliar a Igreja Anglicana com a Igreja Católica Romana.

<p>To William Ward MS Magdalen Sunday [6 August 1876] Merriion Square North</p> <p>My dear Bouncer, I feel quite sure you never could have got a book and letter I sent you about ten days ago. You couldn't have been such a complete Scythian as not to write how charmed you were with my delightful letter and book if you had got them.</p> <p>I sent them to Cliff Court. If you did not get the book will you ask your post office about it as I should be very sorry if you did not get it. It was Mrs Browning's <i>Aurora Leigh</i>.</p> <p>I have got three poems (and perhaps four!) coming out on the 1st of September in various magazines, and am awfully pleased about it. I will send you one of them which I would like you to read. I call it no name but put as a motto that great chaunt Αἴλιον αἴλιον εἰπέ, τὸ δ' εὖ νικάτω.</p> <p>I am with that dear Mahaffy every day. He has a charming house by the sea here, on a place called the Hill of Howth (one of the crescent horns that shuts in the Bay of Dublin), the only place near town with fields of yellow gorse, and stretches of wild myrtle, red heather and ferns.</p> <p>By dallying in the enchanted isle of Bingham Rectory, and eating the lotus flowers of Love and the moly of Oblivion I arrived just too late to go on a charming party to the North of Ireland. Mahaffy, Seyss of Queen's, Appleton the editor of the</p>	<p>Para William Ward MS Magdalen Domingo, (06 de Agosto de 1876) Merriion Square North</p> <p>Meu querido Bouncer, tenho a certeza de que nunca recebeu o livro e a carta que te enviei há cerca de dez dias. Se os tivesses recebido, não poderias ser tão <i>cita</i>¹⁸ que não escrevesse o quão encantado ficaste com a minha carta e o livro.</p> <p>Enviei-os para Cliff Court. Se não recebeu o livro, pergunte aos correios sobre ele, pois terei muita pena se não o tiver recebido. Era o <i>Aurora Leigh</i> da Sra. Browning.</p> <p>Tenho três poemas (e talvez quatro!) a sair no dia 1º de setembro em várias revistas, e estou muito contente com isso. Vou enviar-lhe um deles que gostaria que lesse. Não lhe botei nenhum nome, mas ponho como lema aquele maravilhoso canto Αἴλιον αἴλιον εἰπέ, τὸ δ' εὖ νικάτω. [“Ai, ai, mas que o bem prevaleça!”]¹⁹</p> <p>Estou com o querido Mahaffy todos os dias. Ele tem uma casa encantadora junto ao mar, num lugar chamado Hill of Howth (um dos chifres em forma de meia-lua que fecha a baía de Dublin), o único sítio perto da cidade com campos de mata amarelada e extensões de murta selvagem, flores de urze vermelhas e samambaias.</p> <p>Ao passear na ilha encantada de Bingham Rectory, e ao comer as flores de lótus do Amor e o óleo do Esquecimento, cheguei demasiado tarde para ir numa festa encantadora ao Norte da Irlanda. Mahaffy,</p>
---	--

¹⁸ A palavra Scythian refere-se a um povo antigo conhecido como os citas, que habitou vastas áreas da Eurásia, conhecidos por serem bons guerreiros.

¹⁹ Essas palavras da *Agamemnon* de Ésquilo (“Ai, ai, mas que o bem prevaleça”) são um canto fúnebre grego. Expressa dor e esperança simultaneamente foi o único título do poema na *Dublin University Magazine* de setembro de 1876.

<p>Academy and my brother. They had a very royal time of it, but Circe and Calypso delayed me till it was too late to join them. Mahaffy's book of Travels in Greece will soon be out. I have been correcting his proofs and like it immensely.</p>	<p>Seyss²⁰ de Queen Appleton, o editor da <i>Academy</i>, e o meu irmão. Eles se divertiram muito, mas Circe e Calypso atrasaram-me até ser demasiado tarde para me juntar a eles. O livro de Mahaffy, <i>Viagens pela Grécia</i> sairá em breve. Tenho corrigido seus testes e estou gostando imensamente dele.²¹</p>
<p>I want to ask your opinion on this psychological question. In our friend Todd's ethical barometer, at what height is his moral quicksilver? Last night I strolled into the theater about ten o'clock and to my surprise saw Todd and young Ward the quire boy in a private box together, Todd very much in the background.</p>	<p>Quero pedir a vossa opinião sobre esta questão psicológica. Considerando os parâmetros éticos do nosso amigo Todd²², a que altura você acredita se encontrar a moral dele? Ontem à noite, entrei no teatro por volta das dez horas e, para minha surpresa, vi o Todd e o jovem Ward²³, o garoto do coral, juntos num camarote privado, com o Todd muito escondido.</p>
<p>He saw me so I went round to speak to him for a few minutes. He told me that he and Foster Harter' had been fishing in Donegal and that he was going to fish South now.</p>	<p>Ele viu-me e eu fui falar com ele durante alguns minutos. Disse-me que ele e o Foster Harter²⁴ tinham pescado em Donegal e que agora ia pescar para Sul.</p>
<p>I wonder what young Ward is doing with him. Myself I believe Todd is extremely moral and only mentally spoons the boy, but I think he is foolish to go about with one, if he is bringing this boy about with him.</p>	<p>Pergunto-me o que estará o jovem Ward a fazer com ele. Pessoalmente, acredito que o Todd é extremamente moralista e que só é mentalmente apaixonado pelo rapaz, mas acho que ele é tolo em trazer o menino junto com ele.</p>
<p>You are the only one I would tell about it, as you have a philosophical mind, but don't tell anyone about it like a good boy — it would do neither us nor Todd any good. He (Todd) looked awfully nervous and uncomfortable. I thought of Mark. I hope nothing is wrong with your people or yourself that you don't write.</p>	<p>Você é a única pessoa a quem eu contaria isso, porque tens uma mente filosófica, mas não conte a ninguém como um bom garoto - isso não nos faria bem a nós nem a Todd. Ele (Todd) parecia terrivelmente nervoso e desconfortável. Pensei no Mark. Espero que não haja nada de errado com a tua gente ou contigo para que não me escrevas.</p>
<p>Ever yours</p>	<p>Sempre seu,</p>

²⁰ Archibald Henry Sayce (1845-1933). Era professor de Assiriologia em Oxford e um amigo próximo da família de Wilde.

²¹ Na edição de 1874, Mahaffy expressou gratidão ao “antigo pupilo, Sr. Oscar Wilde de Magdalen College” o qual “fez correções e sugestões por todo o livro”.

²² Charles John Todd (1854-1939), graduado em Magdalen, se tornou Capelão da Marinha Real Britânica (1881-1909).

²³ Eric Richard Ward foi corista de Magdalen College entre 1874-78.

²⁴ George Loyd Foster Harter (1852-1920), graduado em Magdalen College (1871- 75), se tornou advogado de tribunal.

<p>OSCAR F. O'F. WILLS WILDE</p> <p>PS: I hope you did not write to Illaunroe. They only get letters once a week there.</p>	<p>OSCAR F. O'F. WILLS WILDE</p> <p>PS: Espero que não tenhas escrito para Illaunroe. Lá só recebem cartas uma vez por semana.</p>
---	--

4.4 Carta 4 - 06 de setembro de 1876

TEXTO ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO
<p>To William Ward MS Magdalen Wednesday (? 6 September 1876) Merrion Square North</p> <p>My dear Bouncer, Note paper became such a scarcity in the West that I had to put off answering your letter till I came home. I had a delightful time, and capital sport, especially the last week, which I spent shooting, and got fair bags.</p> <p>I am afraid I shall not cross to England via Bristol, as I hear the boats are rather of the 'Ancient Mariner' type! But I may be down in Bristol with Frank Miles as I want to see S. Raphael's and the pictures at Clevedon.</p> <p>I would like very much to renew my friendship with your mother and sisters so shall write to you if I see any hope of going down.</p> <p>I have given up my pilgrimage to Rome for the present: Ronald Gower and Frank Miles were coming: (we would have been a great Trinity) but at the last hour Ronald couldn't get time, so I am staying in Dublin till the 20th, when I go down to Longford, and hope to have good sport.</p>	<p>Para William Ward MS Magdalen Quarta (06 de Setembro de 1876) Merrion Square North</p> <p>Meu querido Bouncer, o papel de carta tornou-se tão escasso no Oeste que tive de adiar a resposta à tua carta até chegar a casa. Diverti-me imensamente e pratiquei muitos desportos, especialmente na última semana, em que passei a semana disparando, e consegui bons sacos para praticar.</p> <p>Receio não poder atravessar para Inglaterra via Bristol, pois ouvi dizer que os barcos são do tipo “Marinheiro Antigo”! Mas talvez desça em Bristol com Frank Miles, posto que eu gostaria de ver as pinturas em</p>

	<p>Clevedon de S. Raphael²⁵.</p> <p>Gostaria muito de renovar a minha amizade com a tua mãe e as tuas irmãs. Então devo te escrever, caso eu tenha alguma esperança de descer até aí.</p> <p>Por enquanto, desisti da minha peregrinação até Roma: Ronald Gower e Frank Miles iam comigo (teríamos sido uma grande trindade!), mas à última hora Ronald não conseguiu arranjar tempo, pelo visto eu vou ficar em Dublin até o dia 20, altura em que vou a Longford e espero divertir-me.</p>
--	---

²⁵ St Raphael's, Bristol, é uma Igreja Gótica Vitoriana construída em 1850 com o financiamento do pai de Frank Miles.

<p>I have heard from many people of your father's liberality and noble spirit, so I know you will take interest in the report I send you of my father's hospital, which he built when he was only twenty-nine and not a rich man. It is a great memorial of his name, and a movement is being set on foot to enlarge it and make it still greater.</p> <p>I have got some charming letters lately from a great friend of my mother, Aubrey de Vere - a cultured poet (though sexless) and a convert to Catholicism. I must show you them; he is greatly interested in me and is going to get one of my poems into the <i>Month</i>.²⁶ I have two this month out: one in the <i>Dublin University Magazine</i>, one in the <i>Irish Monthly</i>. Both are brief and Tennysonian.</p> <p>I hope you are doing good work, but I suppose at home you are hardly allowed 'to contemplate the abstract' (whatever that means) undisturbed. I am bothered with business and many things and find the world <i>ἀναρχία</i> at present and a Tarpeian Rock for honest men.</p> <p>I hope you will write when you have time.</p> <p>Ever yours OSCAR F. O'F. WILLS WILDE</p> <p>I like signing my name as if it was to some document of great importance as 'Send two bags of gold by bearer' or 'Let the Duke be slain tomorrow and the Duchess await me at the hostelry'.</p>	<p>Ouvi muitas pessoas falarem da beneficência e do espírito nobre do seu pai, por isso sei que irá lhe interessar o relatório que lhe envio sobre o hospital do meu pai, que ele construiu quando tinha apenas vinte e nove anos e não era um homem rico. É um grande memorial do seu nome, e está a ser posto em marcha um movimento para o ampliar e tornar ainda maior.</p> <p>Ultimamente tenho recebido algumas cartas encantadoras de um grande amigo da minha mãe, Aubrey de Vere²⁶ - um poeta culto (embora sem sexo) e convertido ao catolicismo. Tenho de mostrá-los para você; ele está muito interessado em mim e vai publicar um dos meus poemas no <i>Month</i>. Este mês tenho dois publicados: um na <i>Dublin University Magazine</i> e outro na <i>Irish Monthly</i>. Ambos são breves e tennysonianos.</p> <p>Espero que esteja a fazer um bom trabalho, mas suponho que em casa dificilmente lhe é permitido “contemplar o abstrato” (seja lá o que isso signifique) sem ser perturbado. Estou preocupado com os negócios e com muitas coisas e acho que o mundo é atualmente <i>ἀναρχία</i> [um caos]²⁷ e uma Rocha de Tarpeia²⁸ para os homens honestos. Eu espero que você me escreva quando tiver tempo.</p> <p>Sempre seu, OSCAR F. O'F. WILLS WILDE</p> <p>Gosto de assinar o meu nome ao final das cartas como se fosse num documento de grande importância, como “Enviar dois sacos de ouro ao portador” ou “Que o Duque seja morto amanhã e a Duquesa me espere na hospedaria”.</p>
--	--

²⁶ Aubrey Thomas De Vere (1814-1902), poeta e crítico irlandês proeminente.

²⁷ Do grego, “caos” ou “anarquia”.

²⁸ Um precipício no Monte Capitólio em Roma, onde os criminosos eram lançados.

I send you one of Aubrey de Vere's letters. I know you will be amused at them. Return it when you have committed it to memory.	Envio-te uma das cartas de Aubrey de Vere. Sei que irá se divertir com ela. Devolver-me quando a tiverdes memorizado.
--	---

4.5 Carta 5 - 14 de março de 1877

TEXTO ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO
<p>To William Ward MS Magdalen [Circa 14 March 1877] Oxford</p> <p>My dear Bouncer, I sent you a long letter to the Poste Restante about a fortnight ago which I hope you got. I have been in for 'the Ireland' and of course lost it: on six weeks' reading I could not expect to get a prize for which men work two and three years.</p> <p>What stumped me was Philology of which they gave us a long paper: otherwise I did rather well: it is horrid receiving the awkward commiserations of most of the College. I shall not be sorry when term ends: though I have only a year for Greats work, still I intend to reform and read hard if possible.</p> <p>I am sorry to say that I will not see the Holy City this Easter at any rate: I have been elected for the St Stephen's Club and £42 is a lot to pay down on the nail, so I will go up to town for a week and then to Bingham and then home. I am going first to see Newman at Birmingham to burn my fingers a little more.</p> <p>Do you remember young Wise of this place?</p>	<p>Para William Ward MS Magdalen (Provavelmente) 14 de Março de 1877 Oxford</p> <p>Meu querido Bouncer, enviei-lhe uma longa carta para o Poste Restante há cerca de quinze dias. Espero que tenha recebido. Estive à procura do <i>The Ireland</i> e, claro, perdi-o: com seis semanas de leitura, não podia esperar obter um prémio para o qual os homens trabalham dois ou três anos.</p> <p>O que me deixou perplexo foi a Filologia, sobre a qual nos deram um longo trabalho: de resto, saí-me bastante bem: é horrível receber os desajeitados elogios da maior parte da faculdade. Não vou me arrepender quando o período terminar: embora só tenha um ano para os trabalhos do Greats, tenciono reformar-me e ler muito, se possível.</p> <p>Lamento dizer que, pelo menos nesta Páscoa, não irei ver a Cidade Santa: Fui eleito para o Clube de São Estevão e 42 libras é muito para pagar sem atraso, por isso vou passar uma semana à cidade e depois a Bingham e depois para casa. Vou primeiro ver o Newman em Birmingham para queimar um pouco mais os meus dedos.</p>

	Lembra-se do jovem Wise ²⁹ que é desse lugar? Ele está terrivelmente preso nas
--	---

²⁹ Henry Edward Wise (1856-1923), graduado em Magdalen (1876-80), se tornou um proprietário rural e músico amador.

<p>He is awfully caught with the wiles of the Scarlet Woman and wrote to Newman about several things: and received the most charming letters back and invitations to come and see him. I am awfully keen for an interview, not of course to argue, but merely to be in the presence of that divine man. I will send you a long account of it: but perhaps my courage will fail, as I could hardly resist Newman I am afraid.</p> <p>Oxford is much as usual and dining in Hall more horrid than ever. Now of course Jupp and I are not on speaking terms, but when we were I gave him a great jar; the Caliban came into Hall beaming and sniggering and said 'I'm very glad they've given the 15 Exhibition to Jones' (put in all the beastly pronunciation for yourself) so I maliciously said 'What! the old Jugger' got an Exhibition! Very hot indeed.'</p> <p>He was too sick and said 'Not likely, I mean Wansbrough Jones,' to which I replied 'I never knew there was such a fellow up here. Which confined Jupp to his gummy bed for a day and prevented him dining in hall for two days.</p> <p>Some rather good demies have come up this term, Fletcher an Eton fellow,' and Armitage,? who has the most Greek face I ever saw, and Broadbent.' I have been doing my duty like a brick and keeping up the reputation of these rooms by breakfasts, lunches etc.: however I find it is rather a bore and that one gains nothing from the</p>	<p>artimanhas da Mulher Escarlata e escreveu a Newman sobre várias coisas, tendo recebido as cartas mais encantadoras e convites para o visitar. Estou muito ansioso por uma entrevista, não para discutir, claro, mas apenas para estar na presença desse homem divino. Enviar-lhe-ei um longo relato, mas talvez a minha coragem falhe, pois receio que dificilmente resistiria a Newman.</p> <p>Oxford está como de costume e o jantar no Hall está mais horrível do que nunca. Agora, é claro que eu e o Jupp³⁰ não nos falamos, mas quando nos falávamos eu dava-lhe uma grande jarra, o Caliban entrou no Hall sorrindo e disse: "Estou muito contente por terem dado a Exposição de 15 libras ao Jones" (leia com a pronúncia mais bestial possível) e eu disse maliciosamente: "O quê? O velho Jugger³¹ conseguiu uma Exposição? De fato, muito bom!"</p> <p>Ele estava demasiado doente e disse: "Não é provável, refiro-me a Wansbrough Jones³²", ao que eu respondi: "Não sabia que havia um tipo assim aqui em cima". O que confinou Jupp à sua cama grudenta durante um dia e o impediu de jantar na sala durante dois dias.</p> <p>Neste período, surgiram alguns bons amigos: Fletcher³³, um colega de Eton, Armitage³⁴, que tem a cara mais grega que já vi, e Broadbent³⁵. Tenho cumprido o meu dever como um tijolo e mantido a reputação destas salas através de pequenos cafés da manhã, almoços, etc.: no entanto, acho que é um pouco aborrecido e que não se ganha nada com a conversa de ninguém.</p>
---	---

³⁰ Herbert Basil Jupp (1853), Demy de Magdalen (1873-77).

³¹ Apelido de Edward Cholmeley Jones, bolsista em Magdalen com funções litúrgicas (1873-76).

³² William Wansbrough Jones (1853-1930), Demy de Magdalen (1873-77), se tornou Major no Exército Médico Real Britânico.

³³ Charles Robert Leslie Fletcher (1857-1934), graduado em Magdalen (1877-80) Tutor Associado de História em Magdalen College (1889-1906).

³⁴ Robert Armitage (1857-1954), Demy de Magdalen (1877-80), condecorado pelas Forças Militares Britânicas e se tornou capelão rural (1930).

³⁵ George Broadbent (1857-1911), graduado em Magdalen (1877-80), se tornou um advogado de aconselhamento jurídico em Londres.

<p>conversation of anyone.</p> <p>The Saturday before the Ireland I brought up the dear Kitten to town and saw the Old Masters, which brought out his little Popish tendencies very much. Had afternoon tea with Frank Miles to meet Ronald Gower and his sister the Duchess of Westminster, who is the most fascinating, Circe-like, brilliant woman I have ever met in England: something too charming. Did I tell you that in consequence of Mark's late hours the Dean refused to let him take his degree? However he hopes to take it the boat race day.</p> <p>Collins, Cooper and old Stewy are giving three dinners on three successive nights in town, for the Sports, Race etc., and we are all going to them. Our Varsity Sports have just been on and were much as usual with the exception of Bullock-Webster's running which is the most beautiful thing I ever saw. Usually running men are so ungraceful and stiff-legged and pigeon-breasted, but he is lithe and exquisitely graceful and strides about nine feet: he is like a beautiful horse trotting, as regards his action.</p> <p>I never saw anything like it: he and Stevenson ran a three mile race, he keeping behind Stevenson about a yard the whole time till the last quarter when he rushed in before him amid awful cheers and shouting: you will see in Naples two bronze statues of two Greek boys running quite like Webster.' We have had the Jugger down till we are very tired of him: he is coming up for all the summer term to coach and give concerts.</p>	<p>No sábado, antes da Irlanda, levei o querido Kitten à cidade e vi os Velhos Mestres, o que fez sobressair muito as suas pequenas tendências papistas. Tomei o chá da tarde com Frank Miles e conheci Ronald Gower e a sua irmã, a Duquesa de Westminster³⁶, que é a mulher mais fascinante, mais brilhante e mais parecida com Circe que alguma vez conheci em Inglaterra: demasiado encantadora. Já lhe disse que, devido às horas tardias de Mark, o Reitor recusou que ele se licenciasse? No entanto, ele espera poder receber o diploma no dia da corrida de barcos.</p> <p>Collins, o Cooper e o velho Stewy vão dar três jantares em três noites sucessivas na cidade, por causa do desporto, da corrida, etc., e todos nós vamos a eles. Os nossos desportos universitários acabaram de começar e foram como de costume, à exceção da corrida de Bullock-Webster, que é a coisa mais bonita que alguma vez vi. Normalmente, os homens que correm são tão deselegantes, de pernas rígidas e peito de pombo, mas ele é ágil e requintadamente gracioso e caminha cerca de nove pés: é como um belo cavalo a trote, no que diz respeito à sua ação.</p> <p>Nunca vi nada assim: ele e Stevenson fizeram uma corrida de três milhas, mantendo-se ele atrás de Stevenson cerca de um metro durante todo o tempo, até ao último quarto, quando se adiantou a ele por entre aplausos e gritos terríveis: verá em Nápoles duas estátuas de bronze de dois rapazes gregos a correrem exatamente como Webster". Tivemos o Jugger em baixo até ficarmos muito cansados dele: ele vem para cá durante todo o verão para treinar e dar concertos.</p> <p>Eu espero em breve receber uma longa carta</p>
--	--

³⁶ Constance, filha do Duque de Sutherland, e casada com o terceiro Marquês de Westminster (1852).

<p>I hope soon to get a long letter from you with all your Roman experiences in it.</p> <p>Ever affectionately OSCAR WILDE</p>	<p>sua contendo todas as experiências de Roma.</p> <p>Sempre afetuosamente, OSCAR WILDE.</p>
--	--

5 COMENTÁRIOS DA TRADUÇÃO DAS CORRESPONDÊNCIAS LITERÁRIAS

A elaboração deste capítulo foi inspirada por duas importantes pesquisas que abordam a tradução de correspondências: a tese *Lettere (1578–1585) de Filippo Sassetti: tradução comentada e anotada para o português*, de Karla Ribeiro (2023), e a dissertação *Uma tradução comentada da epistolografia de Virginia Woolf e Lytton Strachey* (2017), de Georgia Gardênia Brito Cavalcante Carvalho.

Ambas as autoras propuseram comentários de tradução com *corpus* epistolares, utilizando o suporte de quadros comparativos que evidenciam as dificuldades encontradas no processo tradutório. Seguindo essa mesma linha, optei por desenvolver tabelas comparativas entre o texto-fonte (T1) e o texto-alvo (T2), como forma de expor com clareza as escolhas tradutórias feitas na versão para o português das cartas de Wilde.

Além dessas referências acadêmicas, utilizei ferramentas digitais para ampliar a precisão das traduções e auxiliar na interpretação contextual dos termos. Entre essas ferramentas, destaca-se o tradutor *DeepL*, especialmente útil em construções mais complexas ou ambíguas. Também recorri ao site *Reverso Context – Tradução em Contexto*, que me ajudou na identificação de equivalências lexicais em contextos de uso reais. Para a verificação de definições mais convencionais e de uso geral da língua, consultei o *Cambridge Dictionary*, que fornece definições e exemplos autênticos de uso em inglês contemporâneo.

Por fim, o uso de inteligências artificiais, como o ChatGPT e o DeepSeek, foi essencial em diferentes etapas da produção deste capítulo, principalmente na classificação dos termos traduzidos. As tabelas comparativas elaboradas a seguir estão divididas em três categorias principais: expressões estrangeiras, títulos honoríficos e lugares citados. Essa organização visa proporcionar uma leitura mais clara e analítica das decisões tomadas ao longo do processo tradutório, oferecendo ao leitor um panorama das estratégias utilizadas.

5.1 Tradução do corpo do texto - alvo (T2)

Este subtópico se propõe a apresentar e discutir as decisões tradutórias que foram incorporadas diretamente no corpo do Texto 2, ou seja, na versão traduzida das cartas de Wilde para Ward. São analisadas aqui escolhas que impactam diretamente a fluidez, o tom e o sentido das mensagens trocadas, especialmente no que tange a apelidos, construções ambíguas e marcas

culturais.

Ao contrário das notas de rodapé, que explicam elementos adicionais ou contextuais e serão explicadas posteriormente, os comentários nesta seção dizem respeito a soluções linguísticas adotadas na própria estrutura textual, com ênfase em estratégias de domesticação e estrangeirização. Iniciando pela *Carta 1. 20 de Março de 1876*:

Quadro 1 – "Querido Bouncer"

TEXTO - FONTE (T1)	TEXTO-ALVO (T2)
My dear Bouncer	Meu querido Bouncer

Fonte: Elaboração da autora (2025).

A grande maioria das cartas possui no início o apelido de Ward e em muitas vezes é colocado "Mr. Bouncer". Escolhi traduzir o sintagma, mas fazendo uma cópia do apelido como substantivo próprio em inglês, sendo assim uma marca de estrangeirização.

Quadro 2 – "São e salvo"

TEXTO FONTE (T1)	TEXTO-ALVO (T2)
(...) back safe out of the clutches of those barbarous Irish.	(...) voltou são e salvo das garras dos irlandeses bárbaros.

Fonte: Elaboração da autora (2025).

A palavra *clutch* pode ser traduzida como "ninhada" ou "aperto", mas também apresenta o sentido figurado de "garras" (*clutches*), especialmente quando associada a situações de perigo ou domínio. De acordo com o *Cambridge Dictionary*, *clutch* pode significar a *strong hold of something or someone* e a expressão *in the clutches of* refere-se a estar sob o controle de algo indesejado ou perigoso. Já *safe* pode ser traduzido como "salvo" ou "são e salvo", como atesta o *Reverso Context*, sendo frequentemente usado para indicar alguém que escapou de uma situação arriscada. No trecho em questão, Wilde ironiza a experiência de Ward na Irlanda — um país de tradição agrícola fortemente associado ao cultivo de batatas — ao sugerir que ele retornou "são e salvo das garras dos irlandeses bárbaros". A escolha pelas traduções "garras" e "são e salvo" visa preservar o tom lúdico e irônico de Wilde, reforçando o contraste entre o ambiente urbano inglês e a rusticidade caricatural atribuída à Irlanda.

Quadro 3 – “Eu acredito”

TEXTO-FONTE (T1)	TEXTO-ALVO (T2)
Some beastly old Evangelical parson here has, I believe, been praying for snow, and his prayers have been quite successful, as the weather has been awful since you went away.	Algum maldito pastor evangélico daqui esteve orando para que nevasse e eu acredito que suas orações estão sendo bem-sucedidas, pois o tempo está péssimo desde que você se foi.

Fonte: Elaboração da autora (2025).

É omitido o “old” da descrição do pastor para que não fique tão longa e apesar de no texto fonte o tempo verbal empregado ser o presente perfeito simples e contínuo, a tradução para o português foi feita no presente simples por conta da expressão “I believe”.

Quadro 4 – “Sobrecasaca e cartola”

TEXTO-FONTE (T1)	TEXTO-ALVO (T2)
I heard once from the Kitten about a gummy hat-box he says he left in his little room. I was too much ashamed to ask Mrs. Brewer about it, so I suppose the poor Kitten has to go to church in frock coat and pot-hat.	Uma vez eu ouvi de Kitten sobre uma caixa de chapéu grudenta que ele disse que deixou em seu quarto. Eu fiquei muito envergonhado em perguntar à Sra. Brewer sobre isso, mas suponho que o pobre Kitten teve que ir à Igreja com uma sobrecasaca e uma cartola.

Fonte: Elaboração da autora (2025).

Este fragmento é desafiador por tratar de uma situação muito específica em que Wilde relembra uma história cômica envolvendo um de seus amigos, Kitten. O que se pode compreender é que ele teria abandonado uma “caixa de chapéu grudenta” e, por isso, precisou improvisar com os acessórios disponíveis — o que, pela descrição sarcástica de Wilde, não resultou em um visual muito elegante. A palavra *pot-hat* é ambígua e pode gerar confusão, já que algumas fontes modernas associam o termo a chapéus como o *fisherman hat* (chapéu de pescador) ou bonés com aba reta, usos que não se aplicam nem ao contexto social da época nem ao estilo de vestimenta do século XIX. Segundo o *Cambridge Dictionary*, *pot-hat* é sinônimo de *bowler hat*, um chapéu rígido de copa arredondada, típico da Era Vitoriana, e muitas vezes confundido com a *top hat* (cartola), que era mais formal e alta. Como no português contemporâneo a *cartola* é mais reconhecível do que o termo “chapéu-coco” ou outras

variantes, optei por essa versão para manter a inteligibilidade e o tom cômico da situação.

Já o termo *frock coat* designa uma peça característica do vestuário masculino do século XIX — um casaco comprido e estruturado, frequentemente usado com roupas formais. Embora inicialmente eu tenha cogitado traduzir como “sobretudo”, a palavra remete mais a casacos modernos e utilitários. Conforme indica o *DeepL Translator*, a tradução literal como “casaca” ou “sobrecasaca” se aproxima mais do estilo clássico da peça em questão. Por isso, optei por “sobrecasaca”, preservando a elegância formal do traje e sua referência histórica. O apelido *Kitten*, embora signifique literalmente “gatinho”, foi mantido sem tradução por se tratar de um nome afetoso usado entre amigos, e sua adaptação poderia interferir no tom pessoal da carta.

Quadro 5 – “Novinho em folha”

TEXTO-FONTE (T1)	TEXTO-ALVO (T2)
(...) but I’m going to turn over a new leaf this week.	(...) mas vou entregar um trabalho novinho em folha essa semana.

Fonte: Elaboração da autora (2025).

Minha escolha da tradução do termo “new leaf” para “novinho em folha” se deu pelo fato de essa expressão ser comumente utilizada no português brasileiro e por sua sonoridade combinar com o tom leve e bem-humorado do autor da carta, que reclama de não conseguir ler o suficiente, mas está animado para entregar um “calhamaço” na semana. Segundo o *Cambridge Dictionary*, a expressão idiomática *to turn over a new leaf* significa “to start to behave in a better way” (começar a se comportar de maneira melhor), o que também se alinha com o tom de recomeço pretendido por Wilde.

Quadro 6 – “Insano e mesquinho”

TEXTO-FONTE (T1)	TEXTO-ALVO (T2)
I am more than ever in the toils of the Scarlet Woman, and brought Mac and young Frank to S. Aloysius last night to hear Father Coleridge - Mark as sick and costive (mentally) as possible about it - 'I know what it all means.'	Estou mais do que nunca na labuta pela Mulher Escarlata e levei o Mac e o jovem Frank a S. Aloysius ontem à noite para ouvir o Padre Coleridge - Mark o mais insano e mesquinho possível disse: "Eu já sei o que isto tudo significa".

Fonte: Elaboração da autora (2025).

Neste *post-scriptum*, Wilde afirma estar “more than ever in the toils of the Scarlet Woman”. Em vez de optar por uma tradução literal como “nas garras da Mulher Escarlate”, escolhi a expressão “na labuta pela Mulher Escarlate” por dois motivos principais: primeiro, o verbo “to be in the toils” pode significar estar preso ou envolvido em algo que exige esforço ou dedicação; segundo, considerando o contexto histórico e pessoal de Wilde — especialmente sua crescente fascinação pelo catolicismo e seu desejo de visitar Roma nesse período (conforme mencionado por Hanson, 2008) —, o termo “labuta” transmite bem esse esforço pessoal e até espiritual que Wilde parecia estar vivendo em relação à religião. A “Mulher Escarlate”, por sua vez, é uma alusão bíblica presente no livro do Apocalipse, utilizada de forma satírica por Wilde para se referir à Igreja Católica Romana — figura que também aparece em outros trechos de sua correspondência com certo tom de fascínio misturado com crítica.

A frase continua com a descrição de Mark como “sick and costive (mentally)”, indicando um comportamento negativamente afetado, tanto física quanto psicologicamente. O adjetivo “sick”, nesse caso, aparece acompanhado de uma especificação entre parênteses (*mentally*), sugerindo um estado de perturbação ou descompasso mental. A tradução como “insano” foi escolhida por condensar essa ideia de instabilidade emocional de forma direta e com forte carga conotativa, mantendo o tom provocador de Wilde. Já *costive*, além de seu sentido literal (constipado), pode ser usado figurativamente para indicar alguém *rígido, mentalmente travado ou tacanho*, o que justifica a tradução como “mesquinho” — ou seja, alguém de espírito limitado e sem abertura para a experiência proposta por Wilde. Segundo o *Cambridge Dictionary*, *costive* pode ser entendido como “slow or unwilling to express ideas or feelings” (*Cambridge Dictionary*, 2025), e o *Merriam-Webster Dictionary* complementa esse uso figurado como “slow in action or expression” (*Merriam-Webster*, 2025).

A *Carta 2 - 17 de julho de 1876* é enviada após uma viagem de Wilde para a casa da família de Frances Miles, um artista anglicano que fazia parte do grupo íntimo do escritor e que tinha com ele conversas sobre a lógica cristã e a forma como ela se expressava em diferentes locais. Ele comenta tudo o que ocorreu nas últimas semanas com Ward e exige respostas, bem como o endereço em que o amigo se encontra:

Quadro 7 – “Seja bonzinho”

TEXTO - FONTE (T1)	TEXTO - ALVO (T2)
“Send me our address like a good boy. “	“Seja bonzinho e me envie seu endereço. “

Fonte: Elaboração da autora (2025).

Neste excerto, Wilde faz um pedido a Ward com um tom afetuosos e irônico. A expressão “like a good boy” foi traduzida como “Seja bonzinho” para preservar o tom íntimo da correspondência, ainda que o verbo “ser” não esteja presente na versão original. A escolha busca manter a fluidez em português. outros trechos da *Carta 2* foram analisados no subtópico referente às notas de rodapé.

Na *Carta 3 - 06 de agosto de 1876*, Wilde descreve um encontro não proposital que teve com um amigo em comum chamado Todd. O encontro no teatro foi de certo modo constrangedor, pois Todd estava com um “quire boy”, traduzido aqui como “rapaz do coral” em uma sala privada juntos. Wilde pede para que Ward não conte para ninguém esse acontecimento e tece comentários sobre essa situação.

Quadro 8 – “Parâmetros éticos”

TEXTO-FONTE (T1)	TEXTO-ALVO (T2)
“I want to ask your opinion on this psychological question. In our friend Todd's ethical barometer, at what height is his moral quicksilver?”	“Quero pedir a vossa opinião sobre esta questão psicológica. Considerando os parâmetros éticos do nosso amigo Todd, a que altura você acredita se encontrar a moral dele?”

Fonte: Elaboração da autora (2025).

O termo *barometer*, segundo o *Cambridge Dictionary* (2024), refere-se literalmente a um “instrumento que mede a pressão atmosférica”, mas também é usado metaforicamente como um “indicador das mudanças em uma determinada situação”. No contexto irônico e investigativo do trecho, Wilde se refere ao *ethical barometer* como uma forma figurada de medir o caráter moral do amigo.

Para traduzir esse uso ao português de forma compreensível, optei por “parâmetros éticos”, que transmite a ideia de medida ou limite moral de forma clara. Já *moral quicksilver* (literalmente “mercúrio moral”) reforça a metáfora do barômetro com o elemento usado nesses instrumentos, mas mantive a escolha interpretativa para em qual altura se encontraria a moral de Todd.

Quadro 9 – “Apaixonado platonicamente”

TEXTO - FONTE (T1)	TEXTO - ALVO (T2)
“I wonder what young Ward is doing with him. Myself I believe Todd is extremely moral and only mentally spoons the boy, but I think he is foolish to go about with one, if he is bringing this boy about with him.”	“Pergunto-me o que estará o jovem Ward a fazer com ele. Pessoalmente, acredito que o Todd é extremamente moralista e que só é apaixonado platonicamente pelo rapaz, mas acho que ele é tolo em trazer o menino junto com ele.”

Fonte: Elaboração da autora (2025).

Neste trecho, Wilde emite um julgamento irônico sobre a relação entre Todd e o jovem Ward. A expressão “mentally spoons the boy” é uma construção datada e peculiar. Segundo o *Cambridge Dictionary* e o *Oxford English Dictionary*, o verbo *to spoon* é um termo arcaico que pode significar “demonstrar afeto romântico ou sentimental de forma exagerada, especialmente de maneira platônica ou unilateral”. Ao utilizar “mentally spoons”, Wilde reforça que Todd estaria emocionalmente ou intelectualmente apaixonado, sem qualquer envolvimento físico, o que justifica a opção tradutória por “apaixonado platonicamente”.

Quadro 10 – “Campos de mata amarelada”

TEXTO-FONTE (T1)	TEXTO-ALVO (T2)
“(…) the only place near town with fields of yellow gorse, and stretches of wild myrtle, red heather and ferns. “	“(…) o único sítio perto da cidade com campos de mata amarelada e extensões de murta selvagem, flores de urze vermelhas e samambaias.”

Fonte: Elaboração da autora (2025).

A tradução deste excerto exigiu atenção especial aos nomes botânicos. O termo *gorse* refere-se a um arbusto espinhoso com flores amarelas, geralmente identificado como "tojo" em português (*Cambridge Dictionary*, 2024), mas optei por traduzi-lo como *mata amarelada* para tornar a imagem mais acessível ao leitor brasileiro. *Wild myrtle* foi traduzido literalmente como *murta selvagem*, seguindo o equivalente comum. *Red heather* refere-se à flor *urze* (*DeepL Dictionary*, 2024), e *ferns* possui tradução direta como *samambaias*.

Na *Carta 4 - 06 de setembro de 1876*, mais uma vez Wilde cita sua viagem para Roma, que até a data da carta ainda não havia ocorrido e ao citar seus dois amigos Ronald Gower e Frank Miles. Ao final, ele transcreve num *post scriptum*:

Quadro 11 – “Me espere na hospedaria”

TEXTO-FONTE (T1)	TEXTO-ALVO (T2)
“I like signing my name as if it was to some document of great importance as ‘Send two bags of gold by bearer’ or ‘Let the Duke be slain tomorrow and the Duchess await me at the hostelry’. I send you one of Aubrey de Vere’s letters. I know you will be amused at them. Return it when you have committed it to memory.”	“Gosto de assinar o meu nome ao final das cartas como se fosse num documento de grande importância, como “Enviar dois sacos de ouro ao portador” ou “Que o Duque seja morto amanhã e a Duquesa me espere na hospedaria.” Envio-te uma das cartas de Aubrey de Vere. Sei que irá se divertir com ela. Devolver-me quando a tiverdes memorizado.”

Fonte: Elaboração da autora (2025).

Este fragmento é revelador da imagem que Wilde cultivava de si mesmo ainda na juventude. A escolha pela tradução de “hostelry” como “hospedaria”, por exemplo, visa manter o tom arcaico e literário presente na construção original. Segundo o *Collins English Dictionary*, *hostelry* refere-se a uma “old-fashioned inn” ou “an establishment providing accommodation and food” (Collins, 2024), sendo “hospedaria” a equivalência mais próxima no português formal com conotação antiga.

A construção hiperbólica das frases fictícias (“Send two bags of gold by bearer”, “Let the Duke be slain...”) indica uma brincadeira com o estilo épico ou dramático de proclamações nobres. A tradução mantém esse tom elevado e teatral, o que reforça a tentativa de Wilde de performar uma identidade aristocrática e literária desde cedo.

Durante a tradução da *Carta 5 - 14 de março de 1877*, a expressão *Poste Restante* foi mantida em sua forma original por se tratar de um termo técnico do sistema postal internacional, utilizado para designar o serviço que permite que correspondências sejam retidas em agências dos correios até que o destinatário as retire pessoalmente.

Quadro 12 – “Poste restante”

TEXTO-FONTE (T1)	TEXTO-ALVO (T2)
“My dear Bouncer, I sent you a long letter to the Poste Restante about a fortnight ago which I hope you got.”	“Meu querido Bouncer, enviei-lhe uma longa carta para o Poste Restante há cerca de quinze dias, que espero que tenha recebido.”

Fonte: Elaboração da autora (2025).

Apesar de esse serviço não ser comum na atualidade, o termo é registrado tanto no inglês quanto no português. No *Oxford English Dictionary (OED)*, *Poste Restante* é definido como “a service provided by a post office whereby letters are held for collection by the addressee”. Já o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* registra o termo como “sistema de receção de correspondência numa estação de correios, a aguardar levantamento pelo destinatário”. Sua preservação no texto traduzido visa manter a referência cultural e histórica presente na correspondência de Wilde, bem como reforçar o caráter formal e epistolar do gênero em que o texto foi originalmente produzido.

Quadro 13 – “Pagar sem atraso”

TEXTO-FONTE (T1)	TEXTO-ALVO (T2)
“I am sorry to say that I will not see the Holy City this Easter at any rate: I have been elected for the St Stephen's Club and £42 is a lot to pay down on the nail.”	“Lamento dizer que, pelo menos nesta Páscoa, não irei ver a Cidade Santa: Fui eleito para o Clube de São Estevão e 42 libras é muito para pagar sem atraso.”

Fonte: Elaboração da autora (2025).

Mais uma vez, Wilde comenta sobre o desejo frustrado de visitar Roma, referida como *Cidade Santa*, aludindo à importância espiritual e histórica da capital italiana, destino que ele desejava conhecer, mas que foi adiado devido ao alto custo para integrar-se ao *St. Stephen's Club*. Optei por traduzir o nome para *Clube de São Estevão*, realizando um processo de domesticação cultural, já que a tradução literal preserva a referência cristã sem comprometer

a compreensão.

No trecho, Wilde usa a expressão idiomática “to pay down on the nail”, equivalente à nossa ideia de “pagar à vista” ou “sem demora”, expressando que o valor de £42 deveria ser pago integralmente e imediatamente. Segundo o Cambridge Dictionary, a expressão “pay on the nail” é definida como “to pay immediately in cash”, enquanto o Collins English Dictionary explica que “if someone pays on the nail, they pay the full amount immediately”. A tradução “sem atraso” foi escolhida para manter o tom direto e o sentido de urgência da expressão original.

Quadro 14 – “Leia”

TEXTO-FONTE (T1)	TEXTO-ALVO (T2)
“I’m very glad they’ve given the 15 Exhibition to Jones” (put in all the beastly pronunciation for yourself).”	“Estou muito contente por terem dado a Exposição de 15 libras ao Jones” (leia com a pronúncia mais bestial possível).”

Fonte: Elaboração da autora (2025).

Ao citar a frase que um colega teria dito, Wilde adiciona um comentário em parênteses destinado a Ward, sugerindo que ele deveria “reproduzir” mentalmente a pronúncia afetada ou exagerada com que a fala foi originalmente proferida: “put in all the beastly pronunciation for yourself.” Embora o verbo put costumeiramente signifique “colocar” (Cambridge Dictionary: put – to move something into a particular place or position), neste contexto assume um sentido mais figurado, indicando uma simulação de tom ou entonação. Por isso, optei por traduzir como “leia com a pronúncia mais bestial possível”.

A palavra beastly, de acordo com o Collins English Dictionary, pode significar “unpleasant, annoying, or excessively affected”, o que neste caso reforça a ideia de uma pronúncia exagerada, talvez afetada ou pomposa.

5.2 Comentários das traduções de notas de rodapé

Em traduções de correspondência, o uso de notas de rodapé é essencial para manter o equilíbrio entre o texto-fonte e o texto-alvo. As cartas de Wilde, possuem expressões em outras línguas, além do inglês e referências intertextuais clássicas, exigindo do tradutor não apenas

conhecimento linguístico, mas também sensibilidade cultural e contextual. Traduzir integralmente tais expressões implicaria o risco de apagar nuances eruditas, empobrecendo a experiência do leitor e desfavorecendo a compreensão da atmosfera do T1.

Para lidar com esse desafio, optou-se por manter os termos estrangeiros, provenientes do francês, latim e grego antigo, no corpo da tradução, acompanhando-os de notas de rodapé explicativas, capazes de fornecer o contexto necessário sem comprometer a fluidez do texto. As notas atuam como pontes entre a escrita do autor e a compreensão do leitor contemporâneo, especialmente quando o T1, preservando a sofisticação intelectual do epistolário, sem sacrificar a alteridade do texto.

É importante ressaltar que a maior parte das notas de rodapé presentes nesta tradução foram retiradas diretamente da obra de Merlin Holland (2000), responsável por organizar, editar e comentar a correspondência de seu avô, Oscar Wilde. Essa estratégia está em consonância com práticas da tradução comentada, conforme demonstrado por trabalhos como o de Ribeiro (2023) e Carvalho (2017), que propõem soluções paratextuais como forma de equilibrar fidelidade à fonte e acessibilidade ao leitor. As notas de rodapé, portanto, funcionam como elementos mediadores entre o universo cultural de origem e o de chegada, sendo particularmente úteis em traduções de cartas, em que o conteúdo emocional e os desafios linguísticos desempenham papel central.

Quadro 15 – Tradução de expressões estrangeiras [que não o inglês]

TEXTO-FONTE (T1)	TEXTO-ALVO (T2)	NOTA DE RODAPÉ
<i>père</i>	<i>père</i>	Do francês, “patriarca”.
<i>Bos locutus est</i>	<i>Bos locutus est</i>	Em latim: “O boi falou” em referência a uma antiga história romana de mal presságio onde um boi teria falado durante o arado, narrada por Tito Lívio em <i>Ab Urbe Condita</i> .
<i>Αἶλινον αἶλινον εἶπέ, τὸ δ' εὔ νικάτω</i>	<i>Αἶλινον αἶλινον εἶπέ, τὸ δ' εὔ νικάτω</i> . [“Ai, ai, mas que o bem prevaleça!”]	Essas palavras da <i>Agamemnon</i> de Ésquilo (“Ai, ai, mas que o bem prevaleça”) são um canto fúnebre grego. Expressa dor e esperança simultaneamente foi

		o único título do poema na <i>Dublin University Magazine</i> de setembro de 1876
<i>ἀναρχία</i>	<i>ἀναρχία</i> [um caos]	Do grego, “caos” ou “anarquia”.

Fonte: Elaboração da autora (2025).

Em traduções de correspondência, o uso de notas de rodapé é essencial para manter o equilíbrio entre o texto-fonte e o texto-alvo. As cartas de Wilde, possuem expressões em outras línguas, além do inglês e referências intertextuais clássicas, exigindo do tradutor não apenas conhecimento linguístico, mas também sensibilidade cultural e contextual. Traduzir integralmente tais expressões implicaria o risco de apagar nuances eruditas, empobrecendo a experiência do leitor e desfavorecendo a compreensão da atmosfera do T1.

Para lidar com esse desafio, optou-se por manter os termos estrangeiros, provenientes do francês, latim e grego antigo, no corpo da tradução, acompanhando-os de notas de rodapé explicativas, capazes de fornecer o contexto necessário sem comprometer a fluidez do texto. As notas atuam como pontes entre a escrita do autor e a compreensão do leitor contemporâneo, especialmente quando o T1, preservando a sofisticação intelectual do epistolário, sem sacrificar a alteridade do texto.

É importante ressaltar que a maior parte das notas de rodapé presentes nesta tradução foram retiradas diretamente da obra de Merlin Holland (2000), responsável por organizar, editar e comentar a correspondência de seu avô, Oscar Wilde. Essa estratégia está em consonância com práticas da tradução comentada, conforme demonstrado por trabalhos como o de Ribeiro (2023) e Carvalho (2017), que propõem soluções paratextuais como forma de equilibrar fidelidade à fonte e acessibilidade ao leitor. As notas de rodapé, portanto, funcionam como elementos mediadores entre o universo cultural de origem e o de chegada, sendo particularmente úteis em traduções de cartas, em que o conteúdo emocional e os desafios linguísticos desempenham papel central.

Quadro 16 – Tradução de títulos honoríficos e profissionais

TEXTO-FONTE (T1)	TEXTO-ALVO (T2)
Bible Clerk	Bolsista com funções litúrgicas
Country Gentleman	Proprietário rural
Barrister	Advogado de tribunal
Solicitor	Advogado de aconselhamento jurídico
Chaplain	Capelão
D.S.O.	Condecorado pelas forças armadas
Rural Dean	Capelão rural
Demy	Demy

Fonte: Elaboração da autora (2025).

Muitos dos termos honoríficos e profissionais encontrados nas cartas de Wilde pertencem a uma realidade sociocultural e institucional própria do Reino Unido, o que torna necessária uma mediação cuidadosa na tradução. Por exemplo, *Bible Clerk* refere-se, segundo o Cambridge Dictionary, a um *student who has a scholarship and assists with chapel duties at some Oxford or Cambridge colleges*, o que motivou a escolha por “bolsista com funções litúrgicas”, uma expressão mais descritiva, que comunica ao leitor brasileiro tanto o aspecto acadêmico quanto o eclesiástico do termo.

O mesmo se aplica a *Country Gentleman*, que literalmente significaria “senhor do campo”, mas cujo uso histórico, segundo o Cambridge, remete a *a man of a high social class who owns land in the countryside and does not have to work for a living*. Por isso, a versão “proprietário rural” foi escolhida por preservar o conteúdo socioeconômico sem comprometer a clareza. Já *Barrister* e *Solicitor* são termos específicos do sistema jurídico britânico. O primeiro refere-se a um advogado que atua nos tribunais superiores (*a type of lawyer in the UK who can give specialized legal advice and can argue a case in both higher and lower courts*), enquanto o segundo designa um advogado que oferece aconselhamento jurídico e prepara casos (*a type of lawyer in Britain and Australia who gives legal advice, prepares legal documents, and sometimes represents people in lower courts*). Assim, as traduções “advogado de tribunal”

e “advogado de aconselhamento jurídico” mantêm a distinção funcional entre os termos.

Em outros casos, como *Chaplain* e *Rural Dean*, foi necessário domesticar os termos para facilitar a compreensão. Embora *Dean* no Cambridge Dictionary seja comumente traduzido como “reitor” ou “decano”, em “Rural Dean” o termo refere-se a um *senior priest responsible for a group of parishes in a rural area*, o que justifica a tradução por “capelão rural”, que comunica com mais exatidão a função desempenhada, especialmente para um público não familiarizado com a hierarquia anglicana.

A sigla *D.S.O.* (Distinguished Service Order) é explicada pelo Cambridge como *a British military decoration awarded for meritorious or distinguished service by officers of the armed forces during wartime*, razão pela qual a tradução “condecorado pelas forças armadas” foi adotada, priorizando a função honorífica e militar da expressão. Estas estratégias de domesticação foram aplicadas nas notas de rodapé com o intuito de contextualizar as referências e garantir que o leitor lusófono compreendesse os títulos sem comprometer a alteridade do texto-fonte. O único termo mantido foi *Demy* por ser um título específico de Oxford, não sendo correspondente nem a “graduado” ou “mestre”. Houve ainda uma redução pontual de trechos explicativos excessivamente longos, buscando preservar a fluidez da leitura e respeitar o equilíbrio entre fidelidade e acessibilidade.

Quadro 17 – Tradução de topônimos

TEXTO-FONTE (T1)	TEXTO-ALVO (T2)	NOTAS DE RODAPÉ
S. Benedict of Siena	São Benedito de Siena	Esse local não existe, podendo ser uma piada ou erro de Wilde.
Brasenose	Brasenose	Brasenose College, uma das faculdades mais antigas de Oxford e conhecida por seu clube de remo.
S. Aloysius	S. Aloysius	Igreja Paroquial Católica no centro de Oxford que havia sido inaugurada um ano antes, 1875.
S. Raphael	S. Raphael	St Raphael’s, Bristol, é uma Igreja Gótica Vitoriana construída em 1850 com o financiamento do pai de Frank Miles.

Tarpeian Rock	Rocha de Tarpeia	Um precipício no Monte Capitólio em Roma, onde os criminosos eram lançados.
---------------	------------------	---

Fonte: Elaboração da autora (2025).

A tradução dos topônimos nas correspondências de Wilde exigiu atenção especial, visto que muitos remetem a espaços geográficos e culturais específicos do contexto britânico ou mesmo a referências literárias e históricas. A opção por manter certos nomes no original, como *Brasenose* ou *S. Aloysius*, buscou preservar a identidade institucional e religiosa desses espaços, que continuam ativos e reconhecíveis no presente. O *Brasenose College*, por exemplo, é uma das mais antigas faculdades da Universidade de Oxford, fundada no século XVI, e notabiliza-se até hoje por seu clube de remo e tradição acadêmica (University of Oxford, 2024).

Já a Igreja de *S. Aloysius* — referência à *St Aloysius Church*, fundada em 1875 — foi mantida no original, dada sua função localização específica em Oxford, que já conferem ao termo caráter identificável. Em alguns casos, como em *Rocha de Tarpeia* (Tarpeian Rock), optou-se pela tradução integral por se tratar de uma alusão histórica de conhecimento geral, facilitando o entendimento do leitor sem perda de sentido cultural.

Por outro lado, expressões como *S. Benedict of Siena* foram mantidas com tradução e acompanhadas de nota de rodapé explicativa, uma vez que não há registro oficial ou histórico confiável desse local ou santo. De acordo com o *Oxford Dictionary of the Christian Church* (Cross & Livingstone, 2005), não consta nenhuma referência a um “São Benedito de Siena”, o que sugere que a menção feita por Wilde pode ser interpretada como um erro deliberado, uma ironia ou um elemento de humor, traço frequente em sua escrita epistolar.

Já *S. Raphael* foi identificado como uma referência à *St Raphael’s Church*, em Bristol — uma construção neogótica financiada pelo pai de Frank Miles em 1850 — cuja contextualização histórica, embora não evidente à primeira leitura, oferece informações relevantes à compreensão da rede social de Wilde na época.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta dissertação, propus apresentar uma tradução comentada de cartas escritas por Oscar Wilde a William Ward, partindo da premissa de que traduzir não é apenas verter palavras de uma língua para outra, mas sim um gesto interpretativo, situado, ético e crítico. Desde o início, percebi que não bastava entregar ao leitor brasileiro uma nova versão dessas cartas — era necessário também tornar visível o caminho que percorri, as dúvidas que enfrentei e as decisões que precisei tomar durante o processo tradutório.

A escolha pelo gênero epistolar revelou-se particularmente rica, pois permitiu explorar a escrita íntima de Wilde, suas referências culturais e religiosas, bem como as sutilezas de seu estilo, marcado por certo refinamento. Traduzir cartas é entrar em um território em que o pessoal se mistura com o literário, o espontâneo com o cuidadosamente elaborado. A todo momento, me vi diante de escolhas que envolviam não só vocabulário e estrutura sintática, mas também a manutenção de tons afetivos, subentendidos e ironias discretas. Nesse sentido, optei por adotar uma tradução comentada, justamente para registrar e refletir sobre essas decisões.

As observações extraídas a partir da tradução do corpo do Texto 2 e nas notas de rodapé não pretendem ensinar ou corrigir, mas compartilhar o processo — um processo que envolveu pesquisa e sensibilidade. Apoiei-me nos princípios dos Estudos Descritivos da Tradução, em especial na abordagem proposta por Gideon Toury, que compreende a tradução como um fato normativo e cultural. A partir dessa perspectiva, compreendi que minhas escolhas como tradutora estavam condicionadas não apenas pelas características do texto de partida, mas também pelas expectativas e convenções do sistema literário brasileiro. Traduzir, nesse caso, exigiu pensar para quem eu traduzia, em que contexto, e com que finalidade.

As contribuições de Paulo Henriques Britto também se mostraram fundamentais para embasar minha prática. Quando ele afirma que o tradutor literário deve assumir responsabilidade por suas decisões e, sempre que possível, torná-las visíveis, senti que essa afirmação traduzia com exatidão aquilo que busquei fazer neste trabalho. A tradução comentada foi, para mim, mais do que uma estratégia didática — foi uma forma de dar testemunho da experiência tradutória, de assumir uma voz no processo e de construir uma ponte entre o texto de Wilde e o leitor brasileiro contemporâneo.

Da mesma forma, o pensamento de Antoine Berman sobre a retradução como espaço da tradução expandiu minha compreensão do ato de traduzir. Ao longo do trabalho, percebi que retraduzir é, em parte, reconhecer que toda tradução carrega em si uma

insuficiência, uma incompletude, mas também um desejo profundo de reconexão. Encontrei em Berman a ideia de que a retradução acontece quando uma obra já amadureceu em nós — e, de certo modo, esse foi o meu caso com Wilde. A cada releitura de suas cartas, novos sentidos emergem, e eu compreendi que traduzir não era um ponto de chegada, mas um retorno constante ao texto, agora com outros olhos, outra leitura e outra linguagem.

Essa nova tradução das cartas de Wilde parte, portanto, de um gesto de escuta. Escuta do texto, da cultura de origem, das camadas implícitas em cada palavra e também escuta das vozes teóricas que sustentaram meu percurso. A retradução aqui realizada não visa substituir traduções anteriores, mas dialogar com elas, propor novas possibilidades de leitura e ampliar os horizontes interpretativos. Como lembra Berman, uma grande retradução não nasce apenas de uma necessidade editorial ou estilística, mas do *kairós* — o momento certo, em que traduzir uma obra se torna vital para um determinado contexto. Sinto que, ao me debruçar sobre essas cartas, encontrei esse momento.

Além do respaldo teórico, também utilizei ferramentas contemporâneas para auxiliar o processo tradutório, como o DeepL, o Reverso Context, o Cambridge Dictionary, o DeepSeek e o próprio ChatGPT. Essas plataformas foram úteis em diversos momentos, especialmente na checagem de termos e construções idiomáticas. No entanto, sempre tive clareza de que essas ferramentas não substituem o juízo crítico do tradutor. Usei-as como apoio, não como guia, e procurei avaliar cada sugestão à luz da escrita de Wilde e dos efeitos que eu pretendia causar em português.

Esse cuidado se estendeu também à forma de apresentação dos comentários. Não quis explicar demais nem me esconder atrás de tecnicidades. Ao escrever as notas e observações, tentei equilibrar rigor e leveza. Afinal, a carta é um gênero que convida à intimidade, e quis manter essa abertura também na tradução. Ao mesmo tempo, sei que esse trabalho tem valor acadêmico e pode contribuir para a formação de outros tradutores e tradutoras — e é com esse duplo compromisso, que construí cada página deste trabalho.

Do ponto de vista dos desdobramentos, acredito que ainda há muito a ser feito com a obra epistolar de Oscar Wilde. Esta dissertação se concentrou em um conjunto específico de cartas, mas há uma vasta correspondência que poderia ser explorada, seja do ponto de vista tradutório, seja como objeto de estudo literário, biográfico ou histórico. Um próximo passo poderia ser, por exemplo, o desenvolvimento de um projeto editorial mais amplo, voltado à publicação integral e comentada da correspondência de Wilde em língua portuguesa. Também considero relevante propor estudos comparativos entre traduções existentes, a fim de observar como diferentes estratégias e contextos influenciam a recepção do autor no Brasil.

A conclusão que esta pesquisa apresenta é a confirmação da hipótese de que o período em que o escritor irlandês Oscar Wilde morou em Oxford possui uma extensa, complexa e profunda produção literária escondida em sua correspondência enviada para William Ward durante os anos de 1876 e 1877. Esta, que ainda não havia sido traduzida para o português no período anterior à realização desta pesquisa. A tarefa de traduzir cartas que datam de quase cento e cinquenta anos apresentou desafios significativos, especialmente no que tange a assegurar que seu conteúdo fosse compreensível para o público brasileiro (R2). Através de um processo meticuloso, foi possível torná-las acessíveis, de modo que os leitores brasileiros possam apreciar e compreender os acontecimentos e as emoções expressas nelas.

Além disso, as traduções foram acompanhadas de comentários detalhados, oferecendo uma visão das escolhas envolvidas. Este método não apenas enriqueceu a compreensão do texto, mas também serviu como um recurso educacional, proporcionando ao leitor uma apreciação mais ampla e contextualizada da dimensão íntima na vida cotidiana de Wilde. Em especial, os comentários inseridos nas notas de rodapé foram essenciais para esclarecer expressões idiomáticas em outros idiomas, topônimos e títulos honoríficos e profissionais, funcionando como ferramentas auxiliares à leitura e permitindo maior aproximação do leitor com o contexto. Essas notas constituem, assim, uma camada interpretativa que dialoga diretamente com o texto traduzido (T2), ampliando a sua recepção crítica.

Por fim, acredito que este estudo alcançou seus objetivos de tradução e análise de cartas inéditas de Wilde, contribuindo para a disseminação da leitura e pesquisa da obra do autor no Brasil. Espera-se que esta pesquisa inspire estudos futuros que se dediquem à retradução das cartas apresentadas e tradução das demais correspondências trocadas entre Wilde e Ward, ampliando também para a investigação de outros correspondentes de Wilde durante o período em que esteve em Oxford, especialmente de figuras como Kitten (Reginald Harding) e Dunskie (Hunter Blair), cujas trocas epistolares ainda carecem de tradução e análise. Por fim, sugere-se o desenvolvimento de um esquema descritivo específico para a tradução de correspondências literárias, que considere as particularidades desse gênero textual e contribua para o avanço dos estudos de tradução comentada.

Mais do que oferecer respostas, este trabalho procurou levantar perguntas: como representar a voz de Wilde em outro idioma? Como respeitar a alteridade sem silenciar o estilo? Como tornar visível o tradutor sem sobrepor sua voz à do autor? Essas e outras questões permanecerão em aberto — como a própria tradução, que nunca é definitiva, mas sempre uma tentativa, um gesto, uma aproximação. E é nesse espaço entre o original e o possível que

encontrei, ao longo deste percurso, o sentido de traduzir.

REFERÊNCIAS

- AGES, Greek Love Through The. **THE COMPLETE LETTERS OF OSCAR WILDE**.2010. Disponível em: <https://www.greek-love.com/index.php/biographies/greek-love-extracts/oscar-wilde-letters>. Acesso em: 11 de novembro de 2024.
- ATKINSON, G.T. **Oscar Wilde at Oxford**. In: Mikhail, E.H. (eds) Oscar Wilde. Palgrave Macmillan, Londres, 1979. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-1-349-03923-4_5. Acesso em: 24 de junho de 2024.
- BBC. **Oscar Wilde's stolen friendship ring returned to Magdalen College: A ring Oscar Wilde once gifted to a friend has been returned to an Oxford University college 17 years after it was stolen**. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-england-oxfordshire-50659608>. Acesso em: 26 de maio de 2024.
- BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.
- BERMAN, Antoine. **A retradução como espaço da tradução**. Tradução de Márcia Valéria Martinez. *Cadernos de Tradução*, v. 37, n. 2, p. 261–291, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2017v37n2p261>. Acesso em: 9 de Maio de 2025.
- BOSSIS, Mireille; MCPHERSON, Karen. **Methodological Journeys Through Correspondences**. Yale French Studies, [S.L.], n. 71, p. 63, 1986. JSTOR. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2307/2930022>. Acesso em: 26 de maio de 2024.
- CAMBRIDGE University Press. **Cambridge Dictionary**. Cambridge: Cambridge University Press, 2024. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org>. Acesso em: 17 de maio de 2025.
- CARVALHO, Geórgia Gardênia Brito Cavalcante. **Uma tradução comentada da epistolografia de Virginia Woolf e Lytton Strachey**. 2017. 132f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução,

Fortaleza (CE), 2017.

COLLECTION, Storied. **Young Dunsy and Oscar Wilde: A friendship conversation.** 2024. Disponível em: <https://storiedcollection.com/young-dunksy-and-oscar-wilde-friendship-and-conversion/>. Acesso em: 26 de maio de 2024.

COLLINS **English Dictionary**. [S.l.]: HarperCollins Publishers, 2024. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com>. Acesso em: 17 de maio de 2025.

CROSS, F. L.; LIVINGSTONE, E. A. **The Oxford Dictionary of the Christian Church**. 3. ed. rev. Oxford: Oxford University Press, 2005.

COSTA, Suzane Lima. **O QUE (AINDA) PODEM AS CARTAS?** Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura, São Cristóvão-SE, v. 19, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1796>. Acesso em: 26 de maio de 2024.

COOPER, John. **The Rarer Oscar**. 2022. Disponível em: <https://oscarwildeinamerica.blog/2022/03/18/the-rarer-oscar/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

DEEPSEEK. **DeepSeek Translator**. [S.l.]: DeepSeek, [s.d.]. Disponível em: <https://www.deepseek.com>. Acesso em: 17 de maio de 2024.

DERRICK, Keith. **Wilde Meant that Letterally: An Analysis of the Correspondence of Oscar Wilde**. 2010. Editora Cove Edition. Disponível em: <https://editions.covecollective.org/edition/lord-arthur-savile%E2%80%99s-crime-and-other-stories/wilde-meant-letterally-analysis-correspondence>. Acesso em: 22 de junho de 2024.

DICIONÁRIO **Priberam da Língua Portuguesa**. Lisboa: Priberam Informática, 2024. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org>. Acesso em: 17 de Maio de 2025.

EDITION, Cove. **Wilde Meets with Pope Pius IX**. 2021. Disponível em: <https://editions.covecollective.org/chronologies/wilde-meets-pope-pius-ix>. Acesso em: 11 de novembro de 2025.

ELTIS, Sos. **Oscar Wilde: art and morality. Art and Morality**. 2013. Podcast. Disponível em: <https://podcasts.ox.ac.uk/3-art-and-morality>. Acesso em: 24 de junho de 2024.

ELMANN, Richard. **Oscar Wilde**. Toronto, Londres: Vintage Books, 1987. 857 p.

FERNÁNDEZ CAMPA, Marta. **"Literary Correspondence: Letters and Emails in Caribbean Writing."** *Journal of Commonwealth Literature*, vol. 55, no. 3, 2020, pp. 1–17.

FOX, Pemberly. **Letter of Notes - Oscar Wilde**. 2019. Disponível em: <https://www.pemberlyfox.com/blogs/journal/letters-of-note-oscar-wilde>. Acesso em: 22 de junho de 2024.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Org.). **Prezado senhor, Prezada senhora: estudos sobre cartas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GRASSI, Marie-Claire; GORDON, Neil. **Friends and Lovers (or The Codification of Intimacy)**. *Yale French Studies*, [S.L.], n. 71, p. 77, 1986. JSTOR. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2307/2930023>. Acesso em: 23 de maio de 2024.

HAIRDER, Arwa. **The most famous letter never sent?** 2016. BBC de Londres. Disponível em: <https://www.bbc.com/culture/article/20161014-the-most-famous-letter-never-sent>. Acesso em: 22 de junho de 2024.

HANSON, Ellis. **Decadence and Catholicism**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2008.

HOLLAND, Merlin; HART-DAVIS, Rupert. **The Complete Letters of Oscar Wilde**. Londres: Henry Holt And Co., 2000.

HOWATSON, M. C.. **The Oxford Classical Literature Companion**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.

(HNN), History News New York. **Oscar Wilde love letters discovered**. 2010. A Historical Newspaper. Disponível em: <https://www.historynewsnetwork.org/article/oscar-wilde-love-letters-discovered>. Acesso em: 22 de junho de 2024.

KOHLRAUSCH, R. **Gênero epistolar: a carta na literatura, a literatura na carta, rede de sociabilidade, escrita de si**. *Letrônica*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 148–155, 2015. DOI: 10.15448/1984-4301.2015.1.21361. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/21361>. Acesso em: 26 de maio de 2024.

LAMBERT, José. **Literatura e tradução: textos selecionados de José Lambert.**

Organização de Andréia Guerini, Marie-Hélène Catherine Torres e Walter Carlos Costa.

Tradução de diversos colaboradores. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

LIBRIVOX. **Letters of Oscar Wilde**, Volume 1 (1868-1890). 2020. Disponível em:

<https://librivox.org/letters-of-oscar-wilde-volume-1-1868-1890-by-oscar-wilde>. Acesso em: 11 de novembro de 2024.

LÍVIO, Tito. **A história de Roma desde sua fundação.** Tradução de Odorico Mendes. São Paulo: Editora das Américas, 1962. Livro 23, capítulo 44.

MACIEL, Raquel Silva. **O QUE QUER UMA CARTA?:** uma sistematização acerca da epistolografia de intelectuais. Trilhas da História, Fortaleza, p. 51-67, 20 fev. 2021. Semestral.

MARLAND, Rob. **An unpublished letter from Oscar Wilde to Florence West.** 2024. Notes and Queries: Oxford University Press. Disponível em:

<https://marlandonwilde.blogspot.com/2024/05/florence-west-letter.html>. Acesso em: 22 de junho de 2024.

MARLAND, Rob. **Uncollected letters of Oscar Wilde.** 2020. Disponível em:

<https://marlandonwilde.blogspot.com/2024/05/florence-west-letter.html>. Acesso em: 22 de junho de 2024.

MENDELSSOHN, Michèle. **WHEN OSCAR WILDE CAME TO OXFORD.** 2018. Oxford University Press. Disponível em: <https://www.alumni.ox.ac.uk/quad/article/when-oscar-wilde-came-oxford>. Acesso em: 24 de junho de 2024.

MERRIAM-WEBSTER, Incorporated. **Merriam-Webster Dictionary.** Springfield, MA:

Merriam-Webster, 2024. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com>. Acesso em: 17 de maio de 2025.

MUSEUM, The Morgan Library And. **Manuscripts and Letters of Oscar Wilde.** 2008.

Disponível em: <https://www.themorgan.org/collection/Oscar-Wilde>. Acesso em: 22 de junho de 2024.

MUSSALIM, F., & Rodrigues, K. C. (2014). **O funcionamento da autoria na epístola De Profundis de Oscar Wilde.** Revista Criação & Crítica, 12, 20-32. Disponível em:

<https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0i12p20-32>. Acesso em: 24 de maio de 2024.

OLIVEIRA, Ana Paula de. **Tradução comentada de cartas de Filippo Sassetti (1578–1581)**. 2023. 225 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2023. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/249899/PGET0574-T.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 9 de maio de 2025.

OPENAI. **ChatGPT**. Disponível em: <https://chat.openai.com>. Acesso em: 17 de maio de 2025.

OXFORD English Dictionary. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 2023. Disponível em: <https://www.oed.com>. Acesso em: 17 de maio de 2025.

OXFORD University Press. **Oxford English Dictionary**. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 2023. Disponível em: <https://www.oed.com>. Acesso em: 17 de maio de 2025.

OXFORD, Magdallen College. **Oscar Wilde Room's**. 2024. Disponível em:

<https://x.com/magdalenoxford/status/1676165888251183105>. Acesso em: 11 de novembro de 2024.

OXFORDVISIT. **In the Footsteps of Genius: Oscar Wilde's Oxford Journey**. 2024.

Disponível em: <https://www.oxfordvisit.com/articles/oscar-wildes-oxford-journey/>. Acesso em: 24 junho de 2024.

POVO, Gazeta do. **Oscar Wilde dá conselhos a jovem em carta recém-descoberta**. 2013.

Gazeta do Povo. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/oscar-wilde-da-conselhos-a-jovem-em-carta-rec-em-descoberta-e2d7p5z96d5huk9ptcgs02tse/>, Acesso em: 24 junho de 2024.

PUSEY, Edward Bouverie. **An Eirenicon: In a Letter to the Author of "The Christian Year"**. New York: D. Appleton and Company, 1866. Disponível em:

<https://anglicanhistory.org/pusey/eirenicon1.pdf>. Acesso em: 13 de maio de 2025.

REVERSO. *Reverso Context – Tradução em Contexto*. Disponível em:

<https://context.reverso.net/traducao/ingles-portugues/scythian>. Acesso em: 15 de maio de

2025.

TOURY, Gideon. **Describing Translation and Beyond: Studies in Honour of Gideon Toury**. Edited by Miriam Shlesinger and Yves Gambier. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001. (Benjamins Translation Library, v. 38).

UNIVERSITY OF OXFORD. **Brasenose College**. Disponível em: <https://www.bnc.ox.ac.uk/>. Acesso em: 15 de maio de 2025.

VANDERBILT UNIVERSITY LIBRARY. **Please Continue – Literary Correspondence as a Conversation**. Vanderbilt University. Disponível em: <https://exhibitions.library.vanderbilt.edu/literaryletters/item/about-the-exhibit/>. Acesso em: 9 de maio de 2025.